

The School of Obedience

✦ Andrew Murray ✦

A Escola
da
Obediência

Andrew Murray

Tradução
Helio Kirchheim

Capítulo 1

OBEDIÊNCIA — O LUGAR QUE ELA OCUPA NAS ESCRITURAS SAGRADAS

Quando se pretende estudar uma palavra da Bíblia, ou alguma verdade da vida cristã, é de grande auxílio fazer minucioso exame do lugar que elas ocupam nas Escrituras. À medida que virmos onde aparecem, quantas vezes são mencionadas, e em que conexões se encontram, torna-se evidente a importância que têm e como se relacionam com o todo da revelação. Permitam-me tentar, neste primeiro capítulo, preparar o caminho para o estudo do que é a obediência, mostrando-lhes a que partes da Palavra de Deus nos devemos dirigir para descobrir a mente de Deus a esse respeito.

I. CONSIDERE AS ESCRITURAS COMO UM TODO

Começaremos no Paraíso. Em Gênesis 2.16, lemos: “E o Senhor Deus lhe deu esta ordem:...”, e mais tarde, em Gênesis 3.11, “Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses?” Perceba que a obediência ao mandamento é a única virtude do Paraíso, a única condição da permanência do homem ali, a única coisa que o seu Criador lhe pede. Nada se diz sobre fé, ou humildade, ou amor: a obediência inclui isso tudo. Provém da soberania de Deus o direito e a autoridade de exigir obediência, e fazer dela a coisa que vai DETERMINAR O DESTINO DO HOMEM. Na vida do homem, obedecer é a única coisa essencial.

Volte-se agora do início para o final da Bíblia.

No último capítulo se lê (Ap 22.14): “Bem-aventurados aqueles que guardam os seus mandamentos, para que tenham poder na árvore da vida” Temos o mesmo pensamento nos capítulos 12 e 14, onde lemos sobre os descendentes da mulher (12.17), “que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus”; e da paciência dos santos (14.12), “os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus”.

Do início ao fim, da perda do Paraíso até a sua recuperação, permanece imutável a lei — é somente a obediência que permite acesso à árvore da vida e ao favor de Deus. E se você indagar o que é que provocou a mudança entre a desobediência inicial, a qual fechou o acesso à árvore da vida, e a obediência do final que proporcionou o retorno a ela, volte-se para O QUE ACONTECEU NO MEIO DO CAMINHO entre o início e o fim — a cruz de Cristo. Leia Romanos 5.19: “... por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos”; ou Filipenses 2.8,9: “... tornando-se obediente até a morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira...”; ou Hebreus 5.8,9: “... embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem...”, e você

perceberá que a redenção de Cristo consiste na restauração da obediência a seu lugar apropriado.

A beleza da Sua salvação consiste nisto, que Ele nos reconduz à vida de obediência, que é a única forma de a criatura dar ao Criador a glória devida a Ele, ou receber a glória da qual o Criador deseja fazer a criatura participante.

Paraíso, Calvário, Ceu, todos proclamam a uma só voz: “Filho de Deus! a primeira e a última coisa que teu Deus requer de ti é simples, total, imutável obediência”.

II. EXAMINEMOS O ANTIGO TESTAMENTO

Aqui vamos reparar como, em todo e qualquer novo começo na história do reino de Deus, a obediência sempre é colocada em especial proeminência.

1. Considere Noé, o novo pai da raça humana, e você encontrará escrito por quatro vezes (Gn 6.22, 7.5,9,16) “Assim fez Noé, consoante a tudo o que Deus lhe ordenara”. É o homem que faz aquilo que Deus ordena, a quem Deus pode confiar Seu trabalho, é a esse homem que Deus pode usar para salvar outros homens.

2. Pense em Abraão, o pai da raça eleita. “Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu...” (Hb 11.8). Quando ele completou quarenta anos nessa escola de fé e obediência, Deus aperfeiçoou a sua fé, coroando-a com Sua mais completa bênção. Nada poderia qualificá-lo para isso a não ser um coroador ato de obediência. Quando ele amarrou o próprio filho no altar, Deus interveio e disse (Gn 22.17,18): “... deveras te abençoarei e certamente multiplicarei a tua descendência... nela serão benditas todas as nações da terra, porquanto obedeceste à minha voz”. E a Isaque Ele disse (26.3,5): “... confirmarei o juramento que fiz a Abraão, teu pai ... porque Abraão obedeceu à minha palavra...”

Oh, quando é que vamos aprender o quão agradável é a obediência aos olhos de Deus, e quão indizível recompensa Ele concede ao obediente! A maneira de sermos bênção para o mundo é sermos homens obedientes; conhecidos por Deus e pelo mundo por essa CARACTERÍSTICA ÚNICA — uma vontade completamente rendida à vontade de Deus. Que todos os que confessam andar nas pegadas de Abraão andem assim.

3. Avance até Moisés. No Sinai, Deus lhe deu a mensagem para o povo (Êx 19.5): “Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos...” E não poderia ser de outra forma. A santa vontade de Deus é Sua glória e perfeição; é somente ao identificar-se com Sua vontade, pela obediência, que é possível passar a ser o Seu povo.

4. Considere a construção do santuário no qual Deus haveria de habitar. Nos três capítulos finais de Êxodo, encontra-se dezenove vezes a expressão “De acordo com tudo que o Senhor ordenara a Moisés, assim ele fez”, e então “A glória do Senhor encheu o tabernáculo”. Igualmente assim em Levítico 8 e 9, encontramos, com referência à consagração dos sacerdotes e do tabernáculo, doze vezes a mesma expressão. E então, “... a glória do Senhor apareceu a todo o povo. E eis que, saindo fogo de diante do Senhor, consumiu o holocausto e a gordura sobre o altar...” (9.23,24)

Não há como tornar mais evidente que o prazer de Deus consiste em estar no ambiente criado por Seu povo obediente, e é ao obediente que Ele coroa com Seu favor e presença.

5. Depois de vaguear por quarenta anos no deserto, e da terrível revelação do fruto da desobediência, surgiu um novo começo quando o povo estava para entrar em Canaã. Leia Deuteronômio, com tudo que Moisés disse a respeito da terra, e você descobrirá que não há livro na Bíblia que use a palavra “obedecer” com tanta frequência, ou mencione tantas vezes a bênção que a obediência com certeza trará consigo. Tudo se resume nas seguintes palavras (11.26-28): “Eis que, hoje, eu ponho diante de vós a bênção e a maldição: a bênção, quando cumprirdes os mandamentos do Senhor, vosso Deus, ... a maldição, se não cumprirdes os mandamentos do Senhor, vosso Deus...”. Sim, UMA BÊNÇÃO SE OBEDECERDES!

Esta é a tônica da vida abençoada. Canaã, da mesma forma que o Paraíso e o Céu, pode ser o lugar da bênção à medida que for o lugar da obediência. Queira Deus que nos empenhemos nisso! Que não aconteça que oremos apenas por uma bênção. Que nosso interesse esteja na obediência; Deus se encarregará da bênção. Que meu único pensamento como cristão seja 'Como posso obedecer e agradar ao meu Deus de forma perfeita?'

6. O próximo novo começo que temos é por ocasião da indicação do rei de Israel. Na história de Saul, temos a mais solene advertência a respeito da necessidade de perfeita e completa obediência por parte do homem a quem Deus vai estabelecer como governador do Seu povo. Samuel ordenou a Saul (1 Sm 10.8) que esperasse sete dias por ele para vir e sacrificar, e para lhe dizer o que fazer. Quando Samuel demorou (13.8-14), Saul resolveu tomar para si a responsabilidade de sacrificar. Ao chegar, Samuel lhe disse: “Procedeste nesciamente em não guardar o mandamento que o Senhor, teu Deus, te ordenou ... Já agora não subsistirá o teu reino ... porquanto não guardaste o que o Senhor te ordenou”. Deus não vai honrar o homem que não é obediente.

Saul recebeu uma segunda oportunidade para mostrar o que lhe estava no coração. Ele é enviado para executar o juízo de Deus sobre Amaleque. Ele obedece. Ele reúne um exército de duzentos mil homens, empreende a marcha pelo deserto, e destrói Amaleque. Mas apesar de Deus haver ordenado “... destrói totalmente a tudo o que tiver, e nada lhe poupes...”, ele poupou o melhor do gado e Agague. Deus fala com Samuel: “Arrependo-me de haver constituído Saul rei, porquanto deixou de me seguir e não executou as minhas palavras”. Quando Samuel chega, Saul lhe diz duas vezes: “executei as palavras do Senhor”; “dei ouvidos à voz do Senhor e segui o caminho pelo qual o Senhor me enviou”. Muitos até pensarão que ele obedeceu mesmo, mas a sua obediência não foi completa. Deus demanda obediência exata, completa. Deus havia dito “destrói totalmente, nada lhe poupes”! E isso ele não fez. Ele poupou o melhor das ovelhas para sacrificar diante de Deus. E Samuel disse: “Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros. Visto que rejeitaste a palavra do Senhor, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei”. Triste exemplo de tanta obediência que executa parte do mandamento de Deus, e contudo não é a obediência requerida por Deus!

O veredito de Deus a respeito de todo pecado e de toda desobediência é: “Destroi tudo! Não poupe nada!” Queira Deus nos revelar onde de fato estamos agindo como Ele quer, procurando destruir completamente e não poupando nada que não esteja em perfeita harmonia com Sua vontade. Somente a obediência de todo o coração, nos mínimos detalhes, pode satisfazer a Deus. Que nada menos que isso satisfaça você; para não acontecer que, dizendo nós “Eu obedeci”, Deus diga “Tu rejeitaste a palavra do Senhor”.

7. Vejamos mais um exemplo do Antigo Testamento. Depois do livro de Deuteronômio, o de Jeremias é o que mais contém a palavra “obedecer”, embora infelizmente na maioria das vezes em conexão com o lamento de que o povo não obedeceu. Deus resume todo o Seu trato com os pais nesta única palavra: “Porque nada falei a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios. Mas isto lhes ordenei, dizendo: DAI OUVIDOS À MINHA VOZ, E EU SEREI O VOSSO DEUS” (7.22.23).

Quem dera aprendêssemos que tudo que Deus fala a respeito de sacrifícios, até mesmo do sacrifício do Seu amado Filho, subordina-se a essa única coisa — a restauração da Sua criatura à completa obediência. Não há outra entrada para a plena compreensão do significado da palavra “EU SEREI O VOSSO DEUS” a não ser esta: “DAI OUVIDOS À MINHA VOZ”.

III. VEJAMOS, AGORA, O NOVO TESTAMENTO

1. Lembramos de imediato de nosso amado Senhor, e o destaque que Ele dá à obediência como a razão por que Ele veio a este mundo. Ele, que entrou no mundo dizendo “Eis aqui estou, para fazer, ó Deus, a tua vontade” (Hb 10.7,9), sempre confessou aos homens: “... porque não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou” (Jo 5.30). A respeito de tudo que Ele fez e tudo que Ele sofreu, até mesmo a morte, Ele disse: “Este mandato (mandamento) recebi de meu Pai” (Jo 10.18). Se repararmos no Seu ensino, encontraremos a todo momento que a obediência que Ele prestou é a que Ele requer de todo o que pretende ser Seu discípulo.

Durante todo o Seu ministério, do início ao fim, a obediência é A PRÓPRIA ESSÊNCIA DA SALVAÇÃO. No Sermão do Monte, Ele começou com a obediência: Ninguém pode entrar no reino dos ceus, senão “aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos ceus” (Mt 7.21). E no sermão de despedida, quão maravilhosamente Ele revela o caráter espiritual da verdadeira obediência como nascida do amor e inspirada por ele, e como ela abre o caminho para o amor de Deus. Guarde no coração estas maravilhosas palavras: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco,... Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele. Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada” (Jo 14.15,16,21,23).

Não há forma mais simples nem mais poderosa de expressar o inconcebivelmente glorioso lugar que Cristo dá à obediência, com suas duas possibilidades: 1ª) A obediência só é possível a um coração que ama; 2ª) Ela possibilita tudo o que Deus tem para dar do Seu Santo Espírito, do Seu maravilhoso amor, da Sua habitação interior em Cristo Jesus. Não conheço nenhuma outra passagem das Escrituras que conceda maior revelação da vida espiritual, ou do poder da amorosa obediência como a sua principal condição. Oremos fervorosamente a Deus que, pelo Seu Santo Espírito, a luz desta verdade transfigure nossa obediência diária com sua glória celestial.

Repare como isso tudo se confirma no próximo capítulo. Quão bem conhecemos a parábola da videira! Quantas vezes e com que fervor temos perguntado como podemos permanecer continuamente em Cristo. Temos pensado em mais estudo da Palavra, mais fé, mais oração, mais comunhão com Deus, e deixamos de reparar a verdade tão simples que Jesus ensina com tanta clareza: “Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor”, juntamente com a divina confirmação do Seu testemunho: “... assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço” (Jo 15.10). Tanto para Ele como para nós, a única forma que existe para permanecer no amor divino é guardar os mandamentos. Deixe-me perguntar: você sabia isto, você ouviu alguém pregar isto, você tem crido e provado essa verdade na sua experiência, que a obediência na terra é a chave para alcançar o amor de Deus no céu? A não ser que haja alguma correspondência entre o perfeito amor de Deus no céu, e nossa completa e amorosa obediência na terra, é impossível que Cristo Se manifeste a nós; Deus não pode fazer em nós morada, e nós não podemos permanecer em Seu amor.

2. Se passarmos de nosso Senhor Jesus para os Seus apóstolos, veremos no livro de Atos duas palavras de Pedro, que revelam que o ensino de nosso Senhor penetrou no Apóstolo. Na primeira, “... o Espírito Santo, que Deus outorgou aos que lhe obedecem” (5.32) — ele comprova que conhecia aquilo que havia sido a preparação para o Pentecoste: a rendição a Cristo. Na outra, “Julgai se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus...” (4.19) — aqui temos o lado humano da obediência: ela é para ser até a morte; nada neste mundo pode atrever-se nem consegue impedi-la no homem que se deu a si mesmo a Deus.

3. Na Epístola de Paulo aos Romanos, encontramos, no início e no final, a expressão “a obediência por fé, entre todos os gentios” (1.5; 16.26), como o propósito para o qual ele havia sido feito apóstolo. Ele fala daquilo que Deus operou “para tornar obedientes os gentios”. Ele ensina que, da mesma forma que a obediência de Cristo nos torna justos, nós nos tornamos servos da obediência para a justiça (6.16). Da mesma forma que a desobediência em Adão e em nós foi o que gerou a morte, assim a obediência, em Cristo e em nós, é aquilo que o Evangelho revela como o caminho da restauração a Deus e do Seu favor.

4. Todos nós conhecemos bem como o apóstolo Tiago nos adverte para que não sejamos meros ouvintes da Palavra, mas praticantes, e como ele explica como Abraão foi justificado e teve sua fé aperfeiçoada através das suas obras.

5. Na Primeira Epístola de Pedro, temos apenas de olhar o primeiro capítulo, para ver o lugar que a obediência tem a seus olhos. No verso 2, ele se dirige aos “eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo”, indicando-nos que a obediência é o eterno propósito do Pai, o grande objetivo da obra do Espírito, e a principal parte da salvação de Cristo. No verso 14, ele escreve “Como filhos da obediência”, nascidos dela, caracterizados por ela, sujeitos a ela, “tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento”. A obediência é O PRINCÍPIO DA VERDADEIRA SANTIDADE. No verso 22, lemos “Tendo purificado a vossa alma, pela vossa obediência à verdade” — a aceitação da verdade de Deus não consistiu em mero assentimento intelectual ou mesmo em forte emoção; ela foi a sujeição da vida ao domínio da verdade de Deus; a vida cristã consistiu acima de tudo, e em primeiro lugar, em obediência.

6. A respeito do apóstolo João, todos sabemos quão enérgicas são as suas afirmações. “Aquele que diz: Eu o conheço e não guarda os seus mandamentos é mentiroso...” (1 Jo 2.4). A obediência é A ÚNICA PROVA DO CARÁTER CRISTÃO. “Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade. E nisto conheceremos que somos da verdade, bem como, perante ele, tranquilizaremos o nosso coração; ... Amados, se o coração não nos acusar, temos confiança diante de Deus; e aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável” (1 Jo 3.18,19,21,22). A obediência é o segredo da boa consciência, e da confiança de que Deus nos ouve. “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos...” (1 Jo 5.3). A obediência que guarda seus mandamentos: esse é o uniforme com que se revela o amor invisível, e pelo qual ele se torna conhecido.

É este o lugar que a obediência ocupa nas Escrituras Sagradas, na mente de Deus, e no coração dos Seus servos. É justo que perguntemos: “É este o lugar que a obediência ocupa em meu coração e na minha vida?” Será que temos de fato dado à obediência esse supremo lugar de autoridade sobre nós, que Deus deseja que ela ocupe, como a inspiração de toda e qualquer ação, e de cada movimento em direção a Deus?

Se nos submetemos ao exame do Espírito de Deus, talvez descubramos que nunca demos à obediência o seu devido lugar em nosso estilo de vida, e que essa falha é a causa de todo nosso fracasso na oração e no trabalho. Talvez descubramos que as mais profundas bênçãos da graça de Deus, e o completo gozo do amor de Deus e de sua presença tenham estado além do nosso alcance simplesmente porque a obediência nunca foi aquilo que Deus pretende que ela seja — o ponto de partida e o alvo da nossa vida cristã.

Que este nosso primeiro estudo desperte em nós um sincero desejo de conhecer completamente a vontade de Deus a respeito desta verdade. Vamo-nos unir em oração para que o Santo Espírito possa nos mostrar quão deficiente é a vida cristã onde a obediência não regula tudo; como essa vida pode ser substituída por uma vida de completa rendição a uma absoluta obediência; e quão certo é que Deus, em Cristo, nos há de capacitar a viver essa vida.

Capítulo 2

A OBEDIÊNCIA DE CRISTO

“Por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos. Não sabeis que... sois servos... da obediência para a justiça?” (Rm 5.19, 6.16).

“Pela obediência de um só, muitos se tornarão justos”. Estas palavras nos dizem o que devemos a Cristo. Da mesma forma que em Adão nos tornamos pecadores, em Cristo fomos feitos justos. Essas palavras nos dizem também a que, em Cristo, devemos nossa justiça.

Como a desobediência de Adão nos fez pecadores, a obediência de Cristo nos tornou justos. Devemos tudo à obediência de Cristo. De todos os tesouros da nossa herança em Cristo este é um dos mais ricos. Quantos nunca se dedicaram a estudá-lo, de forma que chegassem a amá-lo e a se deleitar nele, e a receber a plena bênção desse tesouro! Queira Deus, por Seu Espírito Santo, revelar-nos sua glória, e fazer-nos participantes do seu poder.

Com certeza, você conhece a abençoada verdade da justificação pela fé. Na Epístola aos Romanos, na seção que precede nosso texto (3.21-5.11), Paulo havia ensinado aquilo que é o eternamente abençoado fundamento da justificação — a propiciação do sangue de Cristo; a forma de se conseguir a justificação e seu meio — a fé na livre graça de Deus, que justifica o ímpio; e quais são os seus abençoados frutos — o dom da justiça de Cristo, com imediato acesso ao favor de Deus, e a esperança da glória.

Em nossa passagem ele agora segue revelando a mais profunda verdade da união com Cristo pela fé, na qual a justificação tem suas raízes, e que torna possível e correto que Deus nos receba em Sua presença. Paulo retrocede até Adão e nossa união com ele, com todas as conseqüências decorrentes dessa união, para provar quão razoável, quão perfeitamente natural (no mais literal sentido da palavra) é que aqueles que recebem Cristo pela fé, e que desta forma são unidos a Ele, se tornem participantes da Sua justiça e da Sua vida.

É nesse argumento que ele destaca de forma especial o contraste entre a desobediência de Adão, com a condenação e morte que ela acarretou, e a obediência de Cristo, com a justiça e a vida que ela traz. À medida que estudarmos o lugar que a obediência de Cristo ocupa na Sua obra para nossa salvação, e virmos nela o próprio fundamento da nossa redenção, haveremos de ver qual deve ser o lugar da obediência em nosso coração e em nossa vida. “... pela desobediência de um só homem, muitos de tornaram pecadores...” Como isto aconteceu?

Havia uma dupla conexão entre Adão e seus descendentes — a *judicial* e a *vital*.

CONEXÃO JUDICIAL E CONEXÃO VITAL

Através da conexão judicial, a raça inteira, mesmo os que ainda não haviam nascido, recebeu à uma a sentença de morte. “... reinou a morte desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles” — como por exemplo as criancinhas — “que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão” (Rm 5.14). Essa relação judicial se fundamentava na conexão vital. A sentença não poderia ter sido proferida sobre eles, se não estivessem em Adão.

E a conexão vital se tornou a manifestação da judicial; cada filho de Adão entra nesta vida debaixo do poder do pecado e da morte. “Pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores”, tanto por sua posição, sujeitos à maldição do pecado como pela sua natureza, sujeitos ao seu poder. “Adão ... prefigurava aquele que havia de vir” (Rm 5.14), e que é chamado o Segundo Adão¹, o Segundo Pai da raça humana.

A desobediência de Adão, em seus efeitos, é a exata semelhança daquilo que a obediência de Cristo se tornou para nós. “Quando um pecador crê em Cristo, ele se une a Cristo, e imediatamente, por uma sentença judicial, é declarado e aceito como justo na presença de Deus. O relacionamento judicial se fundamenta no relacionamento vital. Ele passa a possuir a justiça de Cristo unicamente por possuir o próprio Cristo, e por estar nEle. Antes mesmo de saber qualquer coisa sobre o que significa estar em Cristo, ele pode com segurança saber que está livre de acusação e que foi aceito por Deus.

Mas daí em diante ele é conduzido a conhecer a sua conexão vital, e a compreender que, da mesma forma que era real e completa a sua participação na desobediência de Adão (com a morte e com a natureza pecaminosa), assim também é real a sua participação na obediência de Cristo, tanto com a justiça como com a vida e a natureza obediente dela decorrentes.

Vamos examinar e entender isso: Através da desobediência de Adão, somos feitos pecadores. A única coisa que Deus exigiu de Adão no Paraíso foi a obediência. A única forma de a criatura glorificar a Deus, ou gozar Seu favor e bênção, é a obediência. A única razão por que o poder do pecado entrou no mundo, juntamente com a ruína que ele provocou, foi a desobediência.

Toda a maldição do pecado que pesa sobre nós se deve à desobediência a nós imputada. Todo o poder do pecado que atua em nós, nada mais é do que isto — assim como recebemos a natureza de Adão, também herdamos dele a sua desobediência — nós nascemos como “filhos da desobediência” (Ef 2.2). É evidente que A PRINCIPAL TAREFA DE CRISTO era remover essa desobediência — sua maldição, seu domínio, sua natureza maligna e suas obras. A desobediência era a raiz de todo pecado e de toda miséria. O principal objetivo da Sua salvação era remover a raiz maligna, e restaurar o homem ao seu destino original — uma vida de obediência a seu Deus. Como Cristo fez isso? Acima de tudo, por vir como o Segundo Adão², para desfazer o que o primeiro havia feito.

¹ Conforme 1 Coríntios 15.45-49, Cristo é o *'último Adão'*, e o *'segundo homem'*. — Nota do Tradutor.

² *Último* Adão. — Nota do Tradutor.

O pecado nos levou a crer que era uma humilhação sempre procurar conhecer e fazer a vontade de Deus. Cristo veio para nos mostrar a nobreza, a felicidade da obediência, e quão excelente ela é. Quando Deus nos concedeu a roupagem da humanidade, não sabíamos que a sua beleza, sua imaculada pureza, era a obediência a Deus. Cristo veio e vestiu essa roupagem para que Ele nos pudesse mostrar como usá-la, e como poderíamos, com ela, entrar na presença e na glória de Deus. Cristo manifestou-Se para vencer, e assim remover nossa desobediência, e substituí-la por Sua própria obediência em nós.

Tão universal, tão poderosa, tão penetrante quanto foi a desobediência de Adão, sim, e muito mais do que isso, é o poder da obediência de Cristo. O alvo da vida de obediência de Cristo foi triplo: 1º) Como um Exemplo, para nos mostrar o que é a verdadeira obediência. 2º) Como nossa Segurança, por Sua obediência Ele cumpriu toda a justiça por nós. 3º) Como nossa Cabeça, para prover uma nova e obediente natureza para repartir conosco. Desta forma, Ele morreu, também, para nos mostrar que Sua obediência significa a possibilidade de obedecer ao máximo, de morrer por Deus; que ela significa a paciência vicária e a expiação da culpa da nossa desobediência; que ela significa morrer para o pecado como meio de entrar na vida de Deus para Ele e para nós.

A desobediência de Adão, em todas as suas ramificações, foi removida e substituída pela obediência de Cristo.

Judicialmente, por esta obediência, somos feitos justos. Exatamente da forma como fomos feitos pecadores pela desobediência de Adão, somos imediatamente e completamente justificados e libertos do poder do pecado e da morte: estamos diante de Deus como homens justos.

Vitalmente — porque o judicial e o vital são tão inseparáveis como no caso de Adão — somos feitos um com Cristo em Sua morte e ressurreição, de forma que estamos tão verdadeiramente mortos para o pecado e vivos para Deus, como Ele está. E a vida que recebemos nEle não é outra senão a vida de obediência.

Que cada um de nós que deseja conhecer o que é a obediência considere muito bem: É a obediência de Cristo que é o segredo da justiça e da salvação que eu encontro nEle. A obediência é a própria essência dessa justiça: obediência é salvação.

Sua obediência, antes de tudo para ser aceita, para nela confiar, e nela me regozijar, para cobrir e devorar e dar fim à minha desobediência, isso é o fundamento imutável, do qual nunca devo me esquecer — esse é o fundamento da minha aceitação. E então, Sua obediência — exatamente como a desobediência de Adão era o poder que governava minha vida, o poder da morte em mim — a Sua obediência se torna o poder vivificante da nova natureza em mim.

Então entendo por que Paulo nessa passagem une tão estreitamente a justiça com a vida. “Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo” (Rm 5.17), mesmo aqui neste mundo. “... veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida” (Rm 5.18).

Quanto mais cuidadosamente compararmos o primeiro e o Segundo Adão, e virmos como no primeiro Adão a morte e a desobediência reinaram em seus descendentes da mesma forma que nele mesmo, e que ambas foram igualmente transmitidas pela união com ele, tanto mais se fortalecerá em nós a convicção de que a obediência de Cristo é igualmente para nós, não apenas por imputação, mas por posse pessoal.

A obediência é tão inseparável dEle que, receber a Ele e a Sua vida, é receber Sua obediência. Quando recebemos a justiça que Deus nos oferece tão graciosamente, ela imediatamente nos dirige a atenção para a obediência da qual nasceu, com a qual a é inseparavelmente una, e unicamente na qual pode viver e florescer.

Veja como essa conexão se manifesta no próximo capítulo. Depois de discorrer sobre nossa vida — união com Cristo, Paulo, pela primeira vez nesta epístola (6.12) dá uma ordem: “Não reine, portanto, o pecado... mas ofereci-vos a Deus”; e então imediatamente segue ensinando que isso não significa outra coisa senão obediência: “Não sabeis que... sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça?” (6.16). A sua relação com a obediência é coisa prática; vocês foram libertos da desobediência (a de Adão e a sua própria), e agora se tornaram servos da obediência — e isso “para a justiça”.

A obediência de Cristo foi para justiça — a justiça que é a dádiva de Deus para vocês. A sua sujeição à obediência é o único caminho em que seu relacionamento com Deus e com a justiça pode ser mantido. A obediência de Cristo para justiça é o único início de vida para vocês; sua obediência para justiça é a única forma de manter isso. Há somente uma lei tanto para a Cabeça como para os membros. Tão certo como tudo era em relação a Adão e seus descendentes, desobediência e morte, assim também com Cristo e seus descendentes, obediência e vida.

O que unia Adão e sua descendência, o que os tornava semelhantes, era a desobediência. O que une Cristo e Seus descendentes, o sinal de semelhança entre eles é a obediência. Foi a obediência que fez de Cristo o objeto do amor do Pai (Jo 10.17,18) e fez dEle o nosso Redentor; é SOMENTE A OBEDIÊNCIA que pode nos dirigir no caminho da permanência nesse amor (Jo 14.21,23) e do gozo dessa redenção. “... por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos” (Rm 5.19).

Tudo depende do nosso conhecimento e da nossa participação na obediência, como a entrada e o caminho da completa fruição da justiça. No ato da conversão, a justiça é conferida à fé, de uma vez por todas, completamente e para sempre, com pouco ou nenhum conhecimento a respeito da obediência. Mas à medida que a justiça é de fato crida e à medida que há submissão a ela e ela assume completo domínio sobre nós, como “servos da justiça”, à medida que a buscamos, ela nos abrirá a sua abençoada natureza, proveniente da obediência, e dessa forma sempre nos conduzindo de volta a sua divina origem. Quanto mais verdadeira a nossa posse da justiça de Cristo, no poder do Espírito, tanto mais intenso será nosso desejo de comungar a obediência de onde ela provém.

À luz disso, vamos ESTUDAR A OBEDIÊNCIA DE CRISTO, para que, como Ele, possamos viver como servos da obediência para a justiça.

1. Em Cristo, essa obediência era um princípio de vida. Obediência, para Ele, não significava um simples ato de obediência aqui e ali, nem mesmo uma série de atos, mas o espírito de toda a Sua vida. “Eu vim não para fazer a minha própria vontade”. “Eis-me aqui, ó Deus, para fazer a tua vontade”. Ele veio ao mundo com um só propósito. Ele viveu unicamente para cumprir totalmente a vontade de Deus. O poder controlador supremo e único da Sua vida foi a obediência.

Ele está desejoso para produzir isso mesmo dentro de nós. Foi isso que Ele prometeu, quando disse: “... qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mt 12.50). O que une a família é a vida comum compartilhada por todos e a semelhança entre uns e outros. O nosso elo com Cristo é que Ele e nós juntos fazemos a vontade de Deus.

2. Em Cristo, essa obediência era uma alegria. “Eu me alegro em fazer a Tua vontade, ó Deus”. “A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou”. Nosso alimento é refrigério e revigorante. O homem sadio come seu alimento com gratidão. Mas alimento é mais do que satisfação — ele é essencial à vida. Dessa forma, fazer a vontade de Deus era o alimento desejado por Cristo, sem o qual Ele não podia viver, era a única coisa que saciava a Sua fome, a única coisa que O revigorava e fortalecia e O tornava grato. É algo assim que Davi queria dizer quando disse que as palavras de Deus eram “mais doces que o mel e o destilar dos favos”. À medida que compreendemos isso e o aceitamos, a obediência se tornará mais natural e necessária para nós, e mais vivificante do que nosso pão diário.

3. Em Cristo, essa obediência conduziu a uma espera na vontade de Deus. Deus não revelou toda a Sua vontade a Cristo de uma só vez, mas dia a dia, de acordo com as circunstâncias do momento. Em Sua vida de obediência houve crescimento e progresso; a lição mais difícil veio por último. Cada novo ato de obediência O capacitou para descobrir a próxima instrução do Pai. Ele disse “... abriste os meus ouvidos... agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu...” (Sl 40.6,8). É à medida que a obediência se torna a paixão de nossa vida que os ouvidos nos são abertos pelo Espírito de Deus, para aguardar a Sua instrução, e passamos a não nos contentar com nada menos que a Sua vontade para nós.

4. Em Cristo, essa obediência era até a morte. Quando Ele disse “... não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou” (Jo 5.30), Ele estava pronto a ir às últimas conseqüências para negar Sua própria vontade e fazer a vontade do Pai. Era isso que Ele queria dizer. “Em nada a minha vontade; a vontade de Deus a qualquer custo”. Essa é a obediência para a qual Ele nos convida e para a qual Ele nos capacita. Essa rendição de todo o coração à obediência em tudo é a única obediência verdadeira, é o único poder que nos capacitará a fazer o que temos de fazer. Prouvera a Deus que os cristãos pudessem entender que nada menos do que isso leva a alma à gratidão e à capacitação! Enquanto houver alguma dúvida sobre a total obediência, e com isso um escondido senso de que se pode falhar, havemos de perder a confiança que nos assegura a vitória. Mas no momento em que pusermos o Senhor perante nós, como Quem realmente exige completa obediência, e nos empenharmos por ela, e virmos que nada podemos Lhe oferecer menos que isso, nos entregaremos à obra do divino poder, que, pelo Espírito Santo, haverá de reger nossa vida toda.

5. Em Cristo, essa obediência provinha da mais profunda humildade. “Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele ... assumindo a forma de servo ... a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte” (Fp 2.5-8). É o homem totalmente desejoso, que se esvazia a si mesmo, que está desejoso de ser e viver como o servo, “um servo da obediência”, que está desejoso de ser humilhado completamente diante de Deus e do homem, é a esse homem que a obediência de Jesus se revelará na sua beleza celestial e em seu poder irresistível. Pode ser que existe uma forte vontade, que secretamente confia em si mesma, que se esforça para obedecer, e falha. É à medida que nos curvamos diante de Deus em humildade, mansidão, paciência, e completa rendição à Sua vontade, e estivermos dispostos a nos curvar em total dependência e incapacidade diante dEle, à medida que nos desviarmos do nosso egoísmo, que nos será revelado que obedecer a esse glorioso Deus é a mais abençoada tarefa de qualquer criatura!

6. Em Cristo, essa obediência era fruto da fé — em completa dependência da capacitação de Deus. “Eu nada posso fazer de mim mesmo” (Jo 5.30). “... o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras” (Jo 14.10). A entrega sem reservas do Filho à vontade do Pai resultou na incessante operação do gracioso e ilimitado poder do Pai na vida do Filho. É exatamente isso que acontecerá conosco. Se aprendermos que a submissão de nossa vontade a Deus é sempre a medida da Sua dispensação do Seu poder em nós, chegaremos à compreensão de que uma rendição à completa obediência nada mais é do que completa confiança de que Deus há de operar tudo em nós.

A promessa de Deus na Nova Aliança consiste nisto: “O Senhor, teu Deus, circuncidará o teu coração ... para amares o Senhor, teu Deus, de todo o coração e de toda a tua alma...” (Dt 30.6). “Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis” (Ez 36.27). Creiamos, da mesma forma que o Filho, que Deus opera tudo em nós, e haveremos de ter a coragem de nos lançar numa obediência sem reservas — uma obediência até a morte.

Essa entrega a Deus se tornará a entrada na bendita experiência de nos conformarmos com o Filho de Deus em fazer a vontade do Pai, porque Ele contava com a capacitação do Pai. Que nos demos totalmente a Deus. Ele há de operar tudo em nós. Por acaso vocês não sabem que, justificados pela obediência de Cristo, são como Ele, e nEle são servos da obediência para a justiça? É na obediência de Um só que a obediência de muitos tem as suas raízes, sua vida, sua segurança. Concentremos nossa atenção em Cristo, examinemos a Sua vida de obediência, e creiamos como Ele creu, como nunca antes. Que seja esse o Cristo que recebemos e amamos, e à imagem do qual procuramos nos conformar.

Da mesma forma que a Sua justiça é nossa única esperança, que seja a Sua obediência o nosso único desejo. Que nossa fé nEle comprove sua sinceridade e sua confiança no poder sobrenatural de Deus operando em nós por meio de Cristo, o obediente, nossa verdadeira vida, como o Cristo que habita em nós.

Capítulo 3

O SEGREDO DA VERDADEIRA OBEDIÊNCIA

“Ele aprendeu a obediência” (Hb 5.8).

O segredo da verdadeira obediência — deixe-me dizer de imediato o que eu creio que seja — é o livre e íntimo relacionamento pessoal com Deus. Todos os nossos esforços pela plena obediência haverão de falhar a não ser que nos acheguemos a essa permanente comunhão com Ele. É a santa presença de Deus, a consciência da Sua morada em nós, que nos guarda de desobedecer a Ele.

Obediência deficiente é sempre resultado de uma vida deficiente. Tentar melhorar e animar essa vida defeituosa por meio de argumentos e incentivos tem lá seus benefícios, mas a maior bênção que devem produzir é fazer-nos sentir a necessidade de uma vida diferente, uma vida tão completamente sujeita ao poder de Deus que a obediência seja seu fruto natural.

A vida defeituosa, a vida de comunhão com Deus irregular ou truncada, tem de ser curada, e tem de dar lugar a uma vida inteiramente sadia; aí então se tornará possível a obediência completa. O segredo da obediência verdadeira é o retorno à íntima e contínua comunhão com Deus. “Ele aprendeu a obediência” (Hb 5.8). E por que isso foi necessário? E qual é a bênção que Ele nos concede? Ouça: “... (Ele) aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu e, ... tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem”.

O sofrimento não é natural para nós; por isso nos conclama à renúncia de nossa vontade. Cristo teve de sofrer para que nele pudesse aprender a obedecer e abdicar da Sua vontade em favor do Pai a qualquer custo. Ele teve de aprender a obediência para que, como nosso grande Sumo Sacerdote, pudesse ser aperfeiçoado. Ele aprendeu a obediência, Ele tornou-Se obediente até a morte, para que pudesse tornar-Se o autor da nossa salvação. Ele se tornou o autor da salvação através da obediência, para que pudesse salvar aqueles “que lhe obedecem”.

Da mesma forma que para Ele a obediência era absolutamente necessária para conquistar a salvação, para nós ela é absolutamente essencial para herdar essa salvação. A essência da salvação é a obediência a Deus. Cristo, como Aquele que foi obediente, nos salva e nos torna obedientes para Si. Quer seja em Seu sofrimento na terra, quer na Sua glória no céu, quer em Si mesmo ou em nós, é na obediência que Seu coração está centrado. Aqui na terra, Cristo era aluno na escola da obediência; no céu, Ele a ensina a Seus discípulos que estão aqui na terra. Num mundo onde reina a desobediência para a morte, a restauração da obediência está nas mãos de Cristo. Da mesma forma que em Sua vida, assim também em nós, Seu propósito é conservar a obediência. Ele a ensina e a opera em nós. Vamos, agora, pensar no que e como Ele ensina: talvez descubramos quão pouco nos temos dedicado como alunos nessa escola, onde a única lição por

aprender é a obediência. Quando se pensa numa escola normal, as principais coisas de que lembramos são: 1) o *professor*; 2) o *livro texto*; 3) os *alunos*. Vejamos o que são esses elementos na escola da obediência de Cristo.

I. O PROFESSOR

“Ele aprendeu a obediência”. E agora que Ele a ensina, Ele o faz antes de tudo e principalmente por revelar o segredo da Sua própria obediência ao Pai. Eu mencionei que o poder da obediência verdadeira reside no livre relacionamento pessoal com Deus. Assim foi com nosso Senhor Jesus. Ele disse a respeito de tudo o que ensinou: “Porque eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, esse me tem prescrito o que dizer e o que anunciar. E sei que o seu mandamento é a vida eterna. As coisas, pois, que eu falo, como o Pai me tem dito, assim falo” (Jo 12.49,50).

Isso não significa que Cristo recebeu os mandamentos de Deus na eternidade como parte da comissão do Pai para Ele ao entrar neste mundo. Não. Dia após dia, cada momento à medida que Ele ensinava e trabalhava, Ele viveu, como homem, em contínua comunicação com o Pai e recebeu as instruções do Pai à medida que necessitava delas. Ele por acaso não disse “que o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; ... Porque o Pai ... lhe mostra tudo o que faz, e maiores obras do que estas lhe mostrará...” (Jo 5.19,20). “... na forma por que ouço, julgo...” (Jo 5.30); “... não sou eu só, porém eu e aquele que me enviou” (Jo 8.16); “As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras” (Jo 14.10)? Em todo lugar se vê uma dependência da constante e permanente comunhão e operação de Deus, um ouvir e ver daquilo que Deus fala e faz e revela. Nosso Senhor sempre falou do Seu próprio relacionamento com o Pai como tipo e promessa de nosso próprio relacionamento consigo mesmo, e com o Pai através dEle. Da mesma forma que ocorria com Ele, nossa vida de obediência contínua é impossível sem constante comunhão e permanente ensino.

É somente quando Deus entra em nossa vida, numa proporção e num poder que muitos nem ao menos consideram possível, quando cremos em Sua presença como o Eterno e Aquele Sempre presente Deus, e quando aceitamos essa constante presença da mesma forma que o Filho a cria e recebia, que pode haver alguma esperança de uma vida na qual todo pensamento é trazido cativo à obediência de Cristo. É a imperativa necessidade de continuamente recebermos nossas ordens e instruções do Próprio Deus que encontramos implícito nestas palavras: “DAI OUVIDOS À MINHA VOZ, E EU SEREI O VOSSO DEUS”. A expressão “obedecer aos meus mandamentos” é pouco usada nas Escrituras; quase sempre se usa “obedecer a Mim” ou “dar ouvidos à Minha voz”.

Com o comandante de um exército, o professor de uma escola, o pai de família, não é o código de leis, embora claras e boas, com suas recompensas ou punições, que assegura a obediência verdadeira; o que o faz é A INFLUÊNCIA PESSOAL E VIDA, o amor estimulante e o entusiasmo. É a alegria de sempre ouvir a voz do Pai que dará alegria e força à obediência verdadeira. É a voz dEle que dá poder para obedecer a palavra; de nada vale a palavra sem a voz que a vivifica. Quão claramente vemos isso ilustrado no

contraste que encontramos em Israel. O povo ouviu a voz de Deus no Sinai e ficou com medo. Pediram a Moisés que Deus não mais falasse com eles. Queriam que Moisés recebesse a palavra de Deus e a trouxesse a eles. Eles pensavam apenas em termos de mandamentos; não sabiam que o único poder para obedecer se encontra na presença de Deus e na Sua voz falando conosco. E assim, tendo apenas Moisés falando com eles, e com as tábuas de pedra, sua história é toda de desobediência, porque eles temiam um contato direto com Deus.

E a situação ainda é assim hoje. Muitos, muitos cristãos consideram muito mais fácil receber ensino de homens de Deus em vez de esperar em Deus para recebê-lo dEle Mesmo. A fé deles repousa na sabedoria dos homens, e não no poder de Deus. Aprendamos a grande lição de nosso Senhor, que “aprendeu a obediência” ao esperar a cada momento para ver e ouvir o Pai, para ver o que Ele tem a nos ensinar. É somente quando, como Ele, nEle e por meio dEle, andamos continuamente com Deus, e ouvimos Sua voz, que temos condições de conseguir oferecer a Deus a obediência que Ele exige de nós e promete operar em nós. Das profundezas de Sua própria vida e experiência, Cristo pode nos ensinar isso.

Ore fervorosamente para que Deus possa lhe mostrar a tolice de tentar obedecer sem o mesmo poder que Cristo necessitou, e que Ele torne você disposto a abrir mão de tudo para que você tenha a mesma alegria de Cristo na presença do Pai durante todo dia.

II. O LIVRO TEXTO

A direta comunicação que Cristo mantinha com o Pai não significou independência das Santas Escrituras. Na divina escola da obediência há apenas um livro texto, quer seja para o Irmão mais velho quer para a criança mais nova.

No Seu aprendizado da obediência Ele usou o mesmo livro texto que nós temos de usar. Ele apelava à Palavra não somente quando estava ensinando ou procurando convencer os outros — Ele precisava dela e a usava para sua própria orientação e vida espiritual. Do início da Sua vida pública até o seu final, Ele viveu pela Palavra de Deus. “Está escrito” foi a espada do Espírito com a qual Ele derrotou Satanás. “O Espírito do Senhor Deus está sobre mim”: esta palavra das Escrituras era a certeza interior com que Ele iniciou a pregação do evangelho. Era à luz de “Para que as Escrituras se cumpram” que Ele Se resignava a todo sofrimento, e até mesmo Se entregou à morte. Depois da Sua ressurreição, Ele expôs aos discípulos “o que a seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lc 24.27).

Nas Escrituras Ele encontrou o plano e o caminho que Deus Lhe havia traçado. Ele Se entregou para cumprir tudo. Foi na Palavra de Deus e por meio dela que Ele recebeu o contínuo e direto ensino do Pai. Na escola da obediência de Deus, a Bíblia é o único livro texto. Isso nos revela a disposição com que temos de nos achegar à Bíblia — com o desejo simples de encontrar nela aquilo que está registrado a respeito da vontade de Deus para nós, com o propósito de cumpri-la.

As Escrituras não foram escritas para aumentar nosso conhecimento, e sim para dirigir nossa conduta; “a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2 Tm 3.17). “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá...” (Jo 7.17). Aprenda de Cristo a considerar tudo que está nas Escrituras sobre a revelação de Deus, e do Seu amor, e do Seu conselho, como simples auxílios para o grande propósito de Deus: que o homem de Deus seja capacitado a fazer a Sua vontade, assim como ela é feita no céu; que o homem possa ser restaurado à perfeita obediência que o coração de Deus almeja acima de tudo, e que é, somente ela, a grande alegria.

Na escola da obediência de Deus a Palavra é o único livro texto. Cristo teve necessidade do ensino de Deus, e recebeu instrução de Deus para saber como aplicar essa Palavra em Sua própria vida e conduta, e para saber como posicionar-se com cada diferente porção da Palavra — se se aplicava a Ele ou não. É Ele que fala em Isaías: “Ele me desperta todas as manhãs, desperta-me o ouvido para que eu ouça como os eruditos” (Is 50.4). Mesmo assim, Aquele que dessa forma aprendeu a obediência, no-la ensina dando-nos o Espírito Santo em nosso coração como o divino Intérprete da Palavra.

Essa é a grande obra do Espírito Santo que em nós habita — aplicar a Palavra que lemos e na qual meditamos em nosso coração, e torná-la viva e poderosa ali, de forma que a palavra viva de Deus possa operar eficazmente em nossa vontade, nosso amor, em todo o nosso ser. É por não compreendermos isso que a Palavra fica destituída de poder para operar a obediência. Vou tentar falar sobre isso de forma muito franca.

Nós nos regozijamos no crescente interesse que existe no estudo da Bíblia, e com os testemunhos que ouvimos sobre o interesse renovado nela e nos benefícios recebidos por isso. Mas não nos enganemos. Podemos nos deliciar com o estudo da Bíblia; podemos nos encher de admiração e nos sentir encantados com as novas revelações da verdade de Deus; os pensamentos obtidos pelo estudo podem nos impressionar profundamente e despertar em nós os mais agradáveis sentimentos religiosos; e no entanto ser muito pequena a sua influência em nos tornar santos ou humildes, amorosos, pacientes, prontos tanto para servir como para sofrer. A razão por que isso pode acontecer é que não recebemos a Palavra como ela de fato é, como a Palavra do Deus vivo, que tem de falar conosco Ele mesmo, se é que ela deve exercer sobre nós o seu divino poder.

A letra da Palavra, embora a estudemos e nos deliciemos nela, não possui nenhum poder salvador ou santificador. A sabedoria humana e a vontade humana, embora redobrem seus esforços, não têm capacidade de dar nem de ordenar esse poder. O Espírito Santo é o grande poder de Deus: é somente à medida que o Espírito Santo ensina você, somente à medida que o evangelho é pregado a você ou por homens ou por um livro, “com o Espírito Santo enviado dos céus”, que ele realmente há de lhe dar, com cada mandamento, a capacidade de obedecer, e operar em você a própria ordem que Ele dá.

Com o ser humano, conhecer e querer, querer e fazer, até mesmo querer e executar estão, por carência de capacidade, muitas vezes separados, ou até mesmo divergentes. Mas isso nunca acontece com o Espírito Santo. Ele é ao mesmo tempo a luz e o poder de Deus. Tudo o que Ele é e faz e dá tem em si tanto a verdade como o poder de Deus. Quando Ele mostra a você o mandamento de Deus, Ele sempre o mostra como algo possível e capaz de ser executado, como um dom e como a vida divinamente preparada para você. E Aquele que os está revelando é poderoso para comunicá-los a você.

Amado estudante da Bíblia, aprenda a crer que é somente quando Cristo, pelo Espírito Santo, ensina você a compreender a Palavra e a recebê-la em seu coração, que Ele pode de fato ensinar você a obedecer como Ele mesmo obedeceu. Creia, toda vez que você abrir sua Bíblia, que tão certo como você ouve a divina e santa Palavra inspirada pelo Espírito, assim o Pai, em resposta à oração da fé e à dócil espera, concederá a vivificante operação do Espírito Santo ao seu coração. Faça com que todo o seu estudo da Bíblia seja matéria de fé. Não apenas prove e creia as verdades ou promessas que você lê. Isso pode ser feito pelo seu próprio esforço. Em vez disso, creia no Espírito Santo, na Sua presença em você, na operação de Deus em você através dEle.

Receba a Palavra em seu coração, na tranquila fé de que Ele o capacitará a amá-la, a ajustar-se a ela, a guardá-la; e nosso bendito Senhor Jesus fará com que o livro seja para você aquilo que foi para Ele, quando falou a respeito das “coisas que estão escritas a Meu respeito”. A Escritura toda se tornará na simples revelação daquilo que Deus fará por você, e em você, e através de você.

III. O ALUNO

Já vimos como nosso Senhor nos ensina a obediência por meio da revelação do segredo de como Ele mesmo a aprendeu, em Sua permanente dependência do Pai. Já vimos como Ele nos ensina a usar o Sagrado Livro como Ele o usou, como uma revelação divina daquilo que Deus tem preparado para nós, com o Espírito Santo revelando e capacitando.

Se agora considerarmos o lugar que o crente ocupa na escola da obediência como aluno, haveremos de entender melhor o que Cristo, o Filho, requer para efetuar em nós a Sua obra com eficácia. Num aluno dedicado há várias coisas que despertam e estimulam sua simpatia para com um professor confiável. Ele se submete completamente à sua liderança. Ele deposita perfeita confiança no professor. O aluno lhe dedica tanto tempo e atenção quanto o professor requer.

É quando nos apercebemos de que Cristo tem direito a tudo isso, e nos dobramos a isso, que podemos aguardar a experiência de quão maravilhosamente Ele pode nos ensinar uma obediência como a que Ele mesmo viveu.

1. O verdadeiro aluno, quer seja de um grande músico ou de um pintor, dedica a seu mestre uma confiante submissão de todo o seu coração. Quer seja na prática das escalas quer seja na mistura das cores, no lento e paciente estudo dos elementos de sua arte, ele entende que é sábio obedecer com simplicidade e inteireza. É essa submissão de

todo o coração à direção do Mestre, essa submissão implícita à Sua autoridade, que Cristo requer. Nós nos achegamos a Ele suplicando que nos ensine a perdida arte de obedecer a Deus assim como Ele o fez. Ele nos pergunta se estamos dispostos a pagar o preço. Isso significa completa e total renúncia de si mesmo! Isso significa abrir mão de nossa vontade e de nossa vida até a própria morte! Isso significa estar pronto a fazer o que quer que Ele mande!

A única maneira de aprender algo é pela prática. A única maneira de aprender a obediência de Cristo é abrir mão de sua vontade para Ele, e fazer da vontade dEle o grande desejo e prazer do seu coração. A não ser que você se comprometa com a absoluta obediência no momento em que você entra nesta sala da escola de Cristo, será impossível fazer qualquer progresso.

2. O verdadeiro discípulo de um grande mestre considera fácil render-lhe essa obediência sem reservas pelo simples fato de que ele confia no mestre. Ele sacrifica com gratidão a sua própria sabedoria e vontade para ser guiado por outra superior. É dessa confiança que precisamos para com nosso Senhor Jesus. Ele veio do céu para aprender a obediência, para que fosse capaz de ensiná-la bem. A Sua obediência é o tesouro pelo qual não só o débito da nossa desobediência passada é pago, mas por meio do qual a graça da nossa presente obediência é suprida.

Em Seu divino amor e perfeita identificação com a natureza humana, em Seu divino poder sobre nosso coração e vida, Ele convida, Ele merece, Ele conquista nossa confiança. É pelo poder da admiração pessoal, pela afeição à Sua Pessoa, é pelo poder do seu divino amor, por toda obra efetuada em nosso coração pelo Espírito Santo, despertando em nós um amor que corresponde ao dEle, que Ele desperta nossa confiança, e comunica a nós o verdadeiro segredo do sucesso na Sua escola. Tão absolutamente como confiamos nEle como o Salvador que nos resgata da nossa desobediência, assim confiemos nEle como o Mestre que nos guiará para longe da desobediência. Cristo é nosso Profeta ou Professor.

Um coração que com entusiasmo creia no Seu poder e capacidade como Professor descobrirá, para a alegria dessa fé, que é fácil obedecer. É a presença de Cristo conosco todo o dia que será o segredo da obediência verdadeira.

3. Um aluno dedica a seu mestre toda a atenção e aplicação que ele solicitar. É o mestre que diz quanto tempo tem de ser devotado ao contato pessoal e à instrução.

A obediência a Deus é uma espécie de arte celestial, nossa natureza é tão completamente avessa a ela, o caminho em que o Filho aprendeu a obediência foi tão lento e longo, que não nos devemos admirar se o aprendizado não vem de uma só vez. Nem devemos nos admirar se for necessário muito mais tempo aos pés do Mestre em meditação, e oração, e espera, em dependência e auto-sacrifício, do que a grande maioria está disposta a dar. Mas disponhamos nosso coração a dar esse tempo.

Em Cristo Jesus, a obediência celestial se tornou humana outra vez, a obediência se tornou nosso direito de nascença e nossa natureza: apeguemo-nos a Ele, creiamos na Sua presença em nós e roguemos por ela. Com Jesus Cristo, que aprendeu a obediência como nosso Salvador, com Jesus Cristo, que ensina a obediência como nosso Mestre,

podemos viver uma vida de obediência. A Sua obediência — não podemos estudar a lição com excessivo fervor — Sua obediência é a nossa salvação; nEle, no Cristo vivo, encontramos essa obediência e dela participamos momento após momento.

Supliquemos a Deus que nos mostre como Cristo e Sua obediência são de fato a nossa vida a cada momento: isso fará de nós alunos que Lhe dão totalmente o coração e todo o seu tempo. E Ele há de nos ensinar a guardar os Seus mandamentos e permanecer no Seu amor, da mesma forma que Ele guardou os mandamentos do Seu Pai e permaneceu no Seu amor.

Capítulo 4

A VIGÍLIA MATINAL NA VIDA DE OBEDIÊNCIA

“E, se forem santas as primícias da massa, igualmente o será a sua totalidade; se for santa a raiz, também os ramos o serão” (Rm 11.16).

Quão maravilhosa e bendita é a separação do primeiro dia da semana como um dia santo de descanso. Não (como alguns pensam) que tenhamos apenas um dia de descanso e refrigério espiritual no meio do cansaço da vida, mas esse dia santo, no início da semana, santifica todo o resto, ajudando-nos e capacitando-nos a cultivar a santa presença de Deus durante toda a semana, enquanto trabalhamos.

Com as primícias santas, todo o resto é santo; com a raiz santa, todos os ramos são também santos. Quão graciosa também é a provisão sugerida por tantos tipos e exemplos do Antigo Testamento, pelos quais a hora matinal no início do dia pode nos tornar capazes de assegurar a bênção sobre todo o seu trabalho, e nos dar a garantia do PODER PARA A VITÓRIA sobre toda e qualquer tentação.

Quão indizivelmente gracioso é que na hora matinal o laço que nos une a Deus pode ser tão firmemente amarrado que durante horas, quando temos de nos mover no meio da agitação dos homens e dos deveres, quando dificilmente se pode pensar em Deus, a alma pode ser guardada segura e pura; que a alma pode retirar-se, num tempo de adoração secreta, guardada por Ele, que a tentação só faz nos ajudar a nos unir mais ainda a Ele. Que motivo de louvor e alegria, que a vigília matinal possa renovar assim cada dia e fortificar a entrega a Jesus e a fé nEle, que a vida de obediência pode não apenas ser mantida com renovado vigor, mas possa de fato progredir de força em força.

Eu gostaria de mostrar com alegria quão íntima e vital é a conexão entre a obediência e a vigília matinal. O desejo por uma vida de inteira obediência dará novo significado e valor à vigília matinal, assim como somente a vigília pode garantir a força e a coragem necessárias para a plena obediência.

I. O PRINCÍPIO MOTIVADOR

Pense antes de mais nada no princípio motivador que nos levará a amar e a guardar fielmente a vigília matinal. Se a tomarmos sobre nós meramente como uma obrigação, e como uma parte necessária da nossa vida religiosa, bem rapidamente ela se tornará um fardo. Ou, se o pensamento central for a nossa alegria e segurança, isso não vai fazer da vigília algo verdadeiramente atraente.

Há somente uma coisa que pode fazer isso — o desejo por comunhão com Deus. Foi para isso que fomos criados à imagem de Deus. É com isso que esperamos gastar a eternidade. É somente isso que nos capacita para uma verdadeira e abençoada vida,

mesmo agora, ou no além. Ter mais do próprio Deus, conhecê-LO melhor, receber dEle a comunicação do Seu amor e da Sua força, ter nossa vida cheia da dEle, — é para isso que Ele nos convida a entrar no recinto interior e fechar a porta. É no oculto, na vigília matinal, que nossa vida espiritual é tanto testada como fortalecida. É ali o campo de batalha onde se decide cada dia se Deus há de ter tudo, se nossa vida há de ser de absoluta obediência.

Se verdadeiramente formos vencedores ali, livrando-nos de nós mesmos para as mãos do Altíssimo Senhor, garantimos a vitória durante o dia. É ali, no lugar secreto, que daremos prova se realmente nos deleitamos em Deus, e nos decidiremos a amá-LO com todo o nosso coração. Que essa seja, então, nossa primeira lição: a presença de Deus é a principal coisa em nosso tempo de devoção.

Encontrar a Deus, dar-nos a nós mesmos à Sua santa vontade, saber que somos agradáveis a Ele, ouvi-LO dando-nos as Suas ordens, e colocando a Sua mão sobre nós, e nos abençoando, e nos dizendo “Vai nessa tua força” — é quando a alma aprende que é isso que ela deve buscar e encontrar na vigília matinal, dia após dia, é aí que aprenderemos a desejar essa hora e nos deliciaremos nela.

II. LER A BÍBLIA

Vamos agora falar sobre ler a Palavra de Deus como parte do tempo que gastaremos na vigília matinal. A esse respeito tenho mais do que uma coisa que pretendo dizer.

1. Uma delas é que a não ser que vigiemos, a própria Palavra, que se destina a nos conduzir a Deus, pode na verdade interferir e escondê-LO de nós. A mente pode até estar ocupada e interessada e se deleitar naquilo que encontra, e contudo, pelo fato de isso ser mais conhecimento intelectual do que qualquer outra coisa, nos trará pouco benefício. Se não nos conduz a esperar em Deus, a glorificá-LO, a receber Sua graça e poder para tornar nossa vida mais grata e santa, esse conhecimento se tornará mais empecilho do que ajuda.

2. Outra lição que não se pode repetir vezes demais, ou com demasiada veemência, é que é somente mediante o ensino do Espírito Santo que podemos chegar ao real significado do que Deus quer dizer com Sua Palavra, e que a Palavra de fato tocará nossa vida interior, e há de operar em nós.

O Pai celeste, que nos deu a Sua Palavra do céu, com seus divinos mistérios e mensagem, fez habitar em nós o Seu Espírito, para nos explicar essa Palavra e para que nos apropriemos dela internamente. O Pai deseja que cada vez Lhe roguemos que nos ensine pelo Espírito Santo. Ele deseja que nos curvemos numa mansa e ensinável atitude mental, e creiamos que o Espírito há de vivificar a Sua Palavra e fazê-la operar nas profundezas ocultas do nosso coração. Ele deseja que nos lembremos que o Espírito nos foi dado para que sejamos guiados por Ele, pra que andemos após Ele, para que nossa vida esteja totalmente debaixo do Seu comando; por isso Ele não pode nos ensinar pela manhã a não ser que honestamente nos entreguemos à Sua direção.

Mas se o fizermos e pacientemente esperarmos nEle, não para obter novas ideias, mas para receber o poder da Palavra em nosso coração, podemos contar com Seu ensino. Que seu lugar secreto seja a sala de aula, que sua vigília matinal seja a hora de estudo, em que seu relacionamento de inteira dependência e submissão ao ensino do Espírito Santo sejam experimentados com Deus.

3. Gostaria de fazer uma terceira observação, confirmando o que dissemos acima. É o seguinte: estude sempre a Palavra de Deus com um espírito de inteira disposição para obedecer. Você deve saber quantas vezes Cristo e Seus apóstolos nas Epístolas falam sobre ouvir e não fazer. Se você se acostuma a estudar a Bíblia sem um sincero e definido propósito de obedecer, você estará se endurecendo na desobediência.

Nunca leia a vontade de Deus a seu respeito sem honestamente comprometer-se a executá-la imediatamente, e pedir graça para fazê-lo. Deus nos deu a Sua Palavra para nos dizer o que Ele quer que façamos e dizer da graça que Ele providenciou para nos capacitar a fazer o que Ele ordena. É lamentável pensar em algo tão santo como ler essa Palavra sem um honesto esforço para obedecer-lhe! Queira Deus nos guardar desse terrível pecado!

Façamos nosso este sagrado hábito, dizer a Deus: “Senhor, qualquer coisa que eu descobrir que é Tua vontade, eu quero obedecer imediatamente”. Leia sempre com um coração rendido em voluntária obediência.

4. Mais uma observação. Tenho falado até agora de mandamentos que já conhecemos, e que são facilmente compreendidos. Mas, lembre-se de que há muitos mandamentos para os quais talvez sua atenção nunca tenha sido dirigida, ou outros cuja aplicação é tão ampla que você não os percebeu ainda.

Leia a Palavra de Deus com o profundo desejo de conhecer toda a Sua vontade. Se há coisas que parecem difíceis, mandamentos que parecem elevados demais, ou para os quais você precisa de direção divina para saber como cumpri-los, — e há muitos desse tipo — que eles levem você a buscar o ensino de Deus. Não é o texto mais fácil ou mais encorajador que traz maior bênção, mas o texto, quer seja fácil ou difícil, que lança você mais sobre Deus.

O desejo de Deus é que você esteja “cheio do conhecimento da Sua vontade em toda sabedoria e entendimento espiritual”; é no lugar secreto que essa obra maravilhosa será feita. Lembre-se, é somente quando você sabe que Deus está dizendo a você que faça algo que você saberá com certeza que Ele dá o poder para fazê-lo. É somente à medida que desejamos conhecer toda a vontade de Deus que Ele de tempo em tempo nos revelará mais dela, e nós seremos habilitados a executá-la.

Que tremendo poder será a vigília matinal na vida daquele que fizer uma firme resolução de encontrar Deus ali; a renovar a sua entrega à inteira obediência; que humilde e pacientemente espera no Espírito Santo para ser ensinado de toda a vontade de Deus; e que recebe a certeza de que cada promessa dada a ele na Palavra infalivelmente se tornará realidade! Aquele que assim ora por si mesmo se tornará um verdadeiro intercessor em favor de outros.

III. A ORAÇÃO

É à luz desses pensamentos que agora pretendo dizer algumas palavras sobre o que a oração deve ser na vigília matinal.

1. Antes de tudo, assegure-se da presença de Deus.

Não se contente com nada menos do que ver a face de Deus, assegurando que Ele está contemplando você em amor, e ouvindo e operando em você. Se nossa vida diária deve ser cheia de Deus, quanto mais a hora matinal, que é o único lugar onde se pode conseguir o selo de Deus para a vida deste dia.

Em nossa religião, nada queremos mais do que MAIS DE DEUS — Seu amor, Sua vontade, Sua santidade, Seu Espírito vivendo em nós, Seu poder operando em nós em favor dos homens. Não há, debaixo dos ceus, outra maneira de conseguir isso a não ser através de íntima e pessoal comunhão. E não há horário tão apropriado para assegurar isso e para praticá-lo como a vigília matinal.

A superficialidade e a fragilidade de nossa religião e do trabalho religioso provém toda de haver tão pouco contato verdadeiro com Deus. Se é verdade que somente Deus é a fonte de todo amor e bondade e alegria, e que possuir tanto quanto possível da Sua presença e Sua comunhão, da Sua vontade e do Seu agir, representam a nossa mais verdadeira e profunda felicidade, então com certeza comungar com Ele, sozinhos, na vigília matinal, deve ser NOSSO PRIMEIRO CUIDADO.

O fato de Deus haver aparecido para eles e falado com eles era com todos os santos do Antigo Testamento o segredo da sua obediência e da sua força. Dê a Deus tempo em secreto para que Se revele a você, para que a sua alma possa ser chamada de Peniel — “Porque eu vi a Deus face a face”.

2. Meu pensamento seguinte é: faça com que a renovação da sua rendição à completa obediência naquele dia seja a principal parte do seu sacrifício matinal.

Qualquer pecado que haja deve ser confessado com clareza — defina claramente e abandone tudo o que esteja entristecendo a Deus. Ore também com clareza por graça por um andar santo — e peça e receba em fé a graça e a força de que você necessita de forma especial naquele momento. Que seu propósito para o dia que você está começando seja uma firme resolução de que a obediência a Deus será o seu PRINCÍPIO CONTROLADOR.

Entenda que não há caminho mais certo, ou melhor, não existe outro caminho possível para entrar no amor de Deus e na bênção da oração, do que entrar na Sua vontade. Em oração, entregue-se de forma mais absoluta à bendita vontade de Deus: isso será de maior proveito do que ficar pedindo muito.

Suplique a Deus que lhe mostre essa grande misericórdia, que Ele lhe admitirá você, que Ele o capacitará a entrar na Sua vontade, e permanecer ali — isso fará com que conhecer e fazer a vontade Dele na sua vida se torna uma bendita certeza. Que a sua oração seja de fato um “sacrifício matinal”, um colocar-se a si mesmo como um holocausto no altar do Senhor. A medida da entrega à inteira obediência será a medida da sua confiança para com Deus.

3. Depois, lembre-se de que a verdadeira oração e comunhão com Deus não são vias de mão única.

Temos de estar quietos, para esperar e ouvir a resposta de Deus. Esse é o ofício do Santo Espírito, ser a voz de Deus para nós. Nas maiores profundezas do coração, Ele dá a secreta mas certa segurança de que fomos ouvidos, que estamos sendo agradáveis, que o Pai se empenha em fazer por nós aquilo que Lhe pedimos.

Para ouvir a Voz, para receber essa certeza, precisamos da quieta calma que aguarda em Deus, a quieta fé que confia em Deus, o quieto coração que se curva em insignificância e em humildade diante de Deus, e permite que Ele seja tudo em todos.

É quando se espera que Deus interfira em nossa oração que nos virá a confiança de que receberemos o pedimos, que foi aceita a entrega de nós mesmos em sacrifício de obediência, e que por essa causa podemos contar com o Espírito Santo para nos dirigir a toda a vontade de Deus, à medida que Ele nos leva a conhecê-la e a executá-la.

Quão grande glória nos alcançará na vigília matinal, e através dela todo o nosso viver diário, se essa hora for empregada com o Deus Triúno, com o propósito de que o Pai, através do Filho e do Espírito, sejam nossa consciente possessão durante o dia. Haverá, então, pouca necessidade de instar com os filhos de Deus para se dedicarem à vigília matinal!

4. E agora chegamos ao último e ao melhor de tudo — Faça de sua oração uma intercessão em favor dos outros.

Na obediência de nosso Senhor Jesus, assim como em toda a Sua comunhão com o Pai, o elemento fundamental era o seguinte: tudo era pelos outros. O Espírito flui através de todo membro do corpo; quanto mais o soubermos e vivermos de acordo, tanto mais nossa vida será aquilo que Deus quer que ela seja.

A mais alta forma de oração é a intercessão. A razão principal porque Deus escolheu Abraão e Israel e a nós mesmos é o Seu propósito de nos fazer uma bênção para o mundo. Somos o sacerdócio real — uma nação de sacerdotes.

Enquanto a oração for para nós um simples meio de desenvolvimento e felicidade pessoal, nunca conheceremos seu completo poder. Que a intercessão seja uma sincera súplica pela alma daqueles que nos rodeiam, um verdadeiro carregar do fardo do seu pecado e da sua necessidade, uma real súplica pela extensão do reino de Deus, verdadeiro labor em oração pela execução de propósitos definidos — permita que a vigília matinal seja dedicada a intercessão dessa qualidade, e veja que novo interesse e atração ela apresentará.

Intercessão! Perceba o que ela significa! Tomar o nome, e a justiça e a dignidade de Cristo, vesti-los e então apresentar-se diante de Deus! “Em nome de Cristo” agora que Ele não mais está no mundo, para suplicar a Deus, pelo nome, por cada homem e suas necessidades, onde a Sua graça pode realizar o seu trabalho! Na certeza de nossa própria aceitação, e na unção do Espírito para nos capacitar para o trabalho, saber que nossa oração pode “salvar uma alma da morte”, isso pode fazer descer sobre nós a bênção dos ceus sobre a terra! Pense que na vigília matinal esse trabalho pode ser renovado e desenvolvido dia após dia, cada recinto secreto mantendo sua própria

comunhão individual com o céu, e todos juntamente colaborando para trazer à luz a comunhão da bênção.

A mais alta forma de piedade, de verdadeira semelhança a Cristo, é cultivada mais na intercessão do que no zelo que opera em sua própria forma com pouca oração. É na intercessão que o crente se levanta em verdadeira nobreza no poder de repartir vida e bênção. É para a intercessão que temos de nos dirigir para haver qualquer crescimento no poder de Deus na igreja e em seu trabalho em favor dos homens. Mais uma palavra à guisa de conclusão.

Volte agora e pense novamente sobre A ÍNTIMA E VITAL CONEXÃO entre a obediência e a vigília matinal. Sem obediência não pode haver poder espiritual para penetrar o conhecimento da Palavra de Deus e da Sua vontade. Sem obediência não pode haver a confiança, a ousadia, a liberdade que sabe que é ouvida. Obediência é comunhão com Deus na Sua vontade; sem isso não existe a capacidade de ver e requerer e manter as bênçãos que Ele tem para nós.

Dessa forma, por outro lado, sem uma definida e viva comunhão com Deus na vigília matinal, não há condições de manter a vida de obediência. É ali que o voto da obediência pode ser renovado a cada manhã e pode ser confirmado lá do alto. É ali que são asseguradas a presença e comunhão que tornam possível a obediência. É ali que se recebe a força para executar tudo o que Deus há de pedir, na obediência de Um, e na união com Ele mesmo. É ali que se recebe o entendimento espiritual da vontade de Deus, o qual conduz a um andar digno e inteiramente agradável ao Senhor.

O chamado de Deus para Seus filhos é para uma vida maravilhosa, celestial, completamente sobrenatural. Que a vigília matinal seja para você a cada dia como A PORTA ABERTA DO CEU, através da qual a Sua luz e poder fluam em seu anelante coração, e através da qual você passe para andar com Deus o dia inteiro.

Capítulo 5

A ENTRADA NA VIDA DE PLENA OBEDIÊNCIA

“Obediente até à morte” (Fp 2.8).

Depois de tudo que já dissemos sobre a vida de obediência, eu me proponho a falar, neste capítulo, sobre como entrar nessa vida.

Talvez você considere um erro que consideremos para nossa meditação o texto acima, no qual temos a obediência levada a seu grau máximo de perfeição. Mas não o escolhemos por engano.

O segredo do sucesso nessa corrida é ter bem definido, desde o início, o alvo que pretendemos alcançar. Ele tornou-se “obediente até à morte”. Não há outro Cristo para nenhum de nós, nenhuma outra obediência que agrade a Deus, nenhum outro exemplo que possamos imitar, nenhum outro Mestre de quem possamos aprender a obediência.

Os cristãos sofrem muito porque não aceitam, de uma vez por todas, o fato de que esse é o único tipo de obediência a que devem almejar. O mais jovem cristão há de se perceber fortalecido se, desde o início de sua vida de fé, fizer disto o seu voto e a sua oração: Obediente até à morte. Essa é, ao mesmo tempo, a beleza e a glória de Cristo. A maior bênção que Ele tem para nos dar e fazer com que sejamos co-participantes disso. Até mesmo o mais jovem crente pode desejá-lo e render-se a isso.

Há um incidente na História Antiga que nos ajudará a lembrar o que significa esse conceito. Um rei orgulhoso, chefe de um grande exército, exige a rendição do rei de uma pequena mas valente nação. Quando os emissários do primeiro rei entregaram a mensagem, o segundo rei chamou um de seus soldados e ordenou que ele se matasse. E o soldado obedeceu prontamente. Chamou um segundo soldado, que também obedeceu de imediato, tirando a própria vida. Chamou um terceiro, que também obedeceu de imediato. “Vão e contem ao seu senhor que eu tenho três mil homens do mesmo tipo; digam-lhe que pode vir à guerra.”

O rei contava com homens que não consideravam a própria vida valiosa se o rei a requisitasse. É esse tipo de obediência que Deus requer. Foi esse tipo de obediência prestada por Cristo. É esse tipo de obediência que Ele ensina. Que seja esse tipo de obediência e nada menos que nós procuremos aprender. Que seja, desde o início de nossa vida cristã, esse o nosso alvo, para evitarmos o erro fatal de chamar Cristo de Senhor e contudo não fazer o que Ele manda.

Que todo aquele que, através das nossas palavras, se viu convicto do pecado de desobediência, se esforce, à medida que estudamos a Palavra de Deus, para fugir desse pecado e que entre na vida que Cristo pode dar — a entrada na vida de plena obediência.

I. A CONFISSÃO E A PURIFICAÇÃO DA DESOBEDIÊNCIA

É fácil perceber que esse tem de ser o primeiro passo.

Deus diz, através de Jeremias, o profeta que mais que qualquer outro fala da desobediência do povo de Deus: “Volta, ó pérfida Israel, diz o Senhor, ... porque eu sou compassivo... Tão-somente reconhece a tua iniquidade, reconhece que ... não deste ouvidos à minha voz, diz o Senhor. Convertei-vos, ó filhos rebeldes, diz o Senhor” (Jr 3.12-14).

Se não houver sempre nova e mais profunda convicção de pecado e subsequente confissão, será bastante superficial a experiência de perdão do recém-convertido e será também, depois disso, superficial a libertação do poder dominador do pecado e da consequente desobediência a que o pecado induz. A percepção de nossa desobediência não deve se restringir a uma vaga e nebulosa sensação. Temos de detectar os atos específicos de desobediência em que incorremos; e, de forma bem definida, tem de ser renunciados e submetidos às mãos de Cristo, para que Ele nos limpe desses pecados.

Somente depois disso é que podemos ter esperança de entrar no caminho da verdadeira obediência. Examinemos nossa vida à luz do ensino de nosso Senhor.

1. Cristo recorreu à lei. Ele não veio para revogar a lei, mas para assegurar o seu pleno cumprimento.

Ao jovem rico, Ele disse: “Sabes os mandamentos” (Mc 10.19). Que seja a lei o nosso primeiro teste. Consideremos um pecado qualquer — mentir, por exemplo.

Certa vez, recebi a informação de uma jovem senhora de que ela queria ser plenamente obediente, e que ela sentia-se na urgente necessidade de me confessar uma inverdade que me havia dito. Não era algo importante, mas ainda assim ela julgou corretamente que a confissão ajudaria a arrancar isso dela.

Quanto dessas mentiras temos na nossa sociedade, quanto disso temos na vida escolar, que não passaria no teste da estrita veracidade! E dessa forma, há outros mandamentos, por exemplo o último deles, com a condenação de toda cobiça e desejo pelo que não é nosso, em que tão frequentemente o cristão dá lugar à desobediência.

Tudo isso tem de chegar a um fim definitivo. Temos de confessá-lo e, no poder de Deus, abandoná-lo para sempre, se é que temos a pretensão de entrar na vida de completa obediência.

2. Cristo revelou a nova lei do amor.

A religião que Jesus ensinou aqui na terra foi a seguinte: ser misericordioso como o Pai celeste, perdoar exatamente como Ele perdoa, amar os inimigos e fazer bem aos que nos odeiam, e viver uma vida de sacrifício pessoal e de boas obras.

Encaremos um espírito que não perdoa quando somos provocados ou quando abusam de nós; consideremos pensamentos descaridosos e palavras duras; vejamos a ausência de misericórdia quando somos chamados a fazer o bem e abençoar; — tudo isso temos de encarar e considerar como desobediência, e deve ser visto como olho direito que tem de ser arrancado, antes que tenhamos o poder da plena obediência.

3. Cristo falou muito de renúncia de si mesmo.

O egoísmo é a raiz de toda falta de amor e obediência. Nosso Senhor chamou Seu discípulo a negar a si mesmo e tomar a sua cruz; a abandonar tudo, a odiar e a perder a própria vida, a humilhar-se e a tornar-se servo de todos. Ele mesmo fez isso, porque o egoísmo, a vontade própria, o agradar a si mesmo, fazer a própria vontade — isso é a origem de todo e qualquer pecado.

Quando agradamos a carne em algo tão simples como comer e beber; quando gratificamos o ego ao procurar ou aceitar ou regozijar-se naquilo que favorece nosso orgulho; quando se tolera e fortifica a vontade própria, fazendo provisão para que seus desejos se cumpram, somos culpados de desobediência a Seus mandamentos.

Gradualmente, isso anuvia a alma e torna impossível o pleno gozo da Sua luz e paz.

4. Cristo requer para Deus o amor do coração.

Ele igualmente requer para Si Mesmo que todos venham e O sigam. E todo cristão que ainda não decidiu definitivamente em seu coração fazê-lo, o cristão que ainda não decidiu buscar graça para viver dessa forma, é culpado de desobediência.

Talvez haja muitos religiosos que parecem pessoas boas e honestas, mas que possivelmente não tenham a alegre consciência de saber que estão fazendo a vontade de seu Senhor e guardando os Seus mandamentos.

Quando se ouve o chamado para vir e começar agora, de forma nova, uma verdadeira vida de obediência, há muitos que têm o desejo de fazê-lo, e procuram entrar nessa vida sem fazer muito alarde. Pensam que podem entrar nessa vida orando mais ou lendo mais a Bíblia — pensam que, gradualmente essa vida há de vir. Mas estão completamente errados.

A palavra que Deus usou em Jeremias talvez lhes mostre onde estão errados: “Convertei-vos, ó filhos rebeldes, diz o Senhor”. A alma completamente honesta e que fez o voto de plena obediência pode talvez crescer de uma vacilante obediência para uma obediência mais completa.

Mas não existe o crescimento da desobediência para a obediência. O que se precisa é de uma volta, uma conversão, uma decisão, uma crise. E isso somente vem através de uma clara visão daquilo que está errado, e pela confissão com vergonha e decisão de não mais praticar aquilo. Somente então é que a alma haverá de buscar essa grande e divina purificação de toda a sua impureza, purificação essa que prepara o indivíduo para receber, conscientemente, o dom de um novo coração, e o Espírito de Deus nele, que nos faz andar em Seus Estatutos.

Se você deseja viver uma vida diferente, se deseja tornar-se um homem ou uma mulher obediente à semelhança de Cristo, até a morte, comece suplicando a Deus pela convicção do Espírito Santo, que lhe revele toda a sua desobediência e que conduza você em humilde confissão em busca da purificação que Ele provê. E não descance enquanto não o alcançar.

II. CRER QUE A OBEDIÊNCIA É POSSÍVEL

Esse é o segundo passo. Para darmos esse passo, temos de procurar entender com toda a clareza o que é a obediência.

1. Para obter essa clareza, temos de entender cuidadosamente a diferença entre pecado voluntário e pecado involuntário.

A obediência diz respeito apenas ao primeiro tipo de pecado, o voluntário. É de nosso conhecimento que o novo coração que Deus concede a Seus filhos está localizado no meio da carne pecaminosa. É através dela que surgem, mesmo naquele que está andando em verdadeira obediência, perversas sugestões de orgulho, falta de amor, impureza, impulsos sobre os quais o homem não tem controle direto. Eles habitam a sua natureza plenamente pecaminosa e vil; mas não são imputados ao homem como atos de transgressão. Não são atos de desobediência — que ele pode localizar e lançar fora — como aqueles que mencionamos há pouco.

A libertação desses impulsos vem de outra forma, ela não se consegue através do exercício da vontade do homem regenerado, através da qual sempre vem a obediência, mas essa libertação vem através do poder purificador do sangue e da habitação interior de Cristo.

À medida que se manifesta a sua natureza pecaminosa, tudo o que ele pode fazer é detestá-la e confiar no sangue que de imediato o limpa e mantém limpo. É DE GRANDE IMPORTÂNCIA reparar nessa distinção. Isso livra o cristão de ver a obediência como algo impossível. Isso o anima a buscar e a oferecer sua obediência numa esfera prática e proveitosa.

E é apenas à medida que se permanece nessa esfera que se mantém a capacidade de obedecer que a vontade tem, e que se pode confiar no poder do Espírito e se pode obtê-lo para executar a obra purificadora daquilo que está além da capacidade da vontade.

2. Quando se remove essa dificuldade, muitas vezes surge uma segunda, que nos tenta fazer duvidar se a obediência é de fato possível. As pessoas associam a plena obediência com perfeição absoluta.

Elas põe juntos todos os mandamentos da Bíblia; pensam em todas as graças para as quais esses mandamentos apontam, na sua mais alta medida possível; e depois imaginam um homem com todas essas graças, a cada momento em sua mais completa perfeição, como se isso fosse um homem obediente.

Mas quão diferente é a exigência do Pai celeste! Ele se interessa por tudo o que diz respeito a cada um de Seus filhos. Ele pede de cada filho apenas a obediência de cada dia, ou melhor, de cada hora, uma de cada vez. Ele sabe se eu de fato escolhi e me dediquei de todo o coração para cumprir cada mandamento que eu conheço. Ele sabe se realmente estou desejando e me esforçando para conhecer e fazer toda a Sua vontade. E quando um de Seus filhos faz isso, em fé simples e amor, a obediência é aceitável. O Espírito nos dá a doce certeza de que somos inteiramente agradáveis a Ele, e nos capacita a ter confiança diante de Deus “porque guardamos os seus mandamentos e

fazemos diante dele o que lhe é agradável” (1 Jo 3.21,22). Essa obediência é de fato um grau de graça que se pode alcançar. Para um andar obediente, é indispensável crer que essa obediência é possível. Você me pergunta onde me fundamento na Palavra de Deus? Você vai encontrá-lo na promessa da Nova Aliança de Deus: “Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei” “porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim” (Jr 31.33, 32.40).

A grande fraqueza da Antiga Aliança era que ela exigia obediência sem contudo suprir o poder de executá-la. E é exatamente isso que a Nova Aliança faz. Com a palavra coração se quer dizer o amor, a vida. Colocar a lei no coração, escrever a lei no coração, significa que ela tomou posse da vida interior e do amor do homem renovado. O novo coração se deleita na lei de Deus, ele tem disposição de obedecer, além de capacidade para fazê-lo. Talvez você duvide disso pelo fato de sua experiência contradizer essa realidade. Também não é de admirar! A promessa de Deus é matéria de fé; e, já que você não crê nela, não pode experimentá-la.

Você já deve ter ouvido falar de tinta invisível. Você escreve num papel mas nada se pode ler, a não ser aquele que conhece o segredo da coisa. Diga isso a quem desconhece os fatos, e pela fé a pessoa passa a conhecê-los. Erga, agora, o papel contra o sol, ou espalhe algum produto químico nele, e aí aparece a escrita invisível. É dessa forma que a lei de Deus é escrita em seu coração. Se você firmemente o crê e se dirige a Deus dizendo que a Sua lei está ali, no mais íntimo do seu ser, e se erguer esse coração à luz e ao calor do Santo Espírito, você verá que é verdade. A lei escrita no seu coração significará fervoroso amor aos mandamentos de Deus, juntamente com o poder de obedecer.

Conta-se a seguinte história de um dos soldados de Napoleão. Um médico estava tentando extrair uma bala que se havia alojado na região do coração, quando o soldado gritou: “Corte mais fundo, e você achará Napoleão alojado ali”. Cristão! creia que a lei está escrita no mais profundo do seu ser! Profira em fé as palavras de Davi e de Cristo: “agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei” (Sl 40.8; Hb 10.7). Essa fé será a sua garantia de que a obediência é possível. Esse tipo de fé o ajudará a entrar na vida de verdadeira obediência.

III. SAIR DA DESOBEDIÊNCIA E PASSAR A OBEDECER ACONTECE PELA RENDIÇÃO A CRISTO

“Voltai, ó filhos rebeldes, eu curarei as vossas rebeliões” diz Deus a Israel (Jr 3.22). Eles eram o Seu povo, mas haviam se desviado dEle; o retorno tinha de ser imediato e de todo o coração.

Abandonar a vida dividida de desobediência e pela graça de Deus dizer “Eu vou obedecer” pode ser obra de um momento. A capacidade de fazer esse voto e de mantê-lo procede do Cristo vivo. Já dissemos anteriormente que a capacidade de obedecer reside na majestosa influência da viva presença de uma Pessoa.

Enquanto extrairmos nosso conhecimento da vontade de Deus meramente de um livro ou de homens, nada mais podemos esperar do que o fracasso. Mas se considerarmos Jesus em Sua imutável proximidade tanto como nosso Senhor como nossa Força, então podemos obedecer. A mesma voz que ordena é a que capacita. O olho que guia é o olho que encoraja. Cristo Se nos tornou tudo em todos; o Mestre que ordena, o Exemplo que ensina, o Auxiliador que fortalece. Volte-se de sua vida de desobediência para Cristo; entregue-se a Ele em rendição e fé. Em rendição.

Entregue tudo a Ele. Entregue a sua vida para ser tão repleta dEle, da Sua presença, da Sua vontade, Seu serviço quanto Ele puder fazer. Entregue-se a Ele não para ser salvo da desobediência, para que dessa forma você passe a ser feliz vivendo sua própria vida sem pecado e sem tribulação. Não; faça-o para que Ele tenha você totalmente para Si mesmo, como um vassalo, como um canal que Ele possa encher de Si mesmo, com Sua vida e amor pelos homens, usando-o em Seu abençoado serviço. Em fé, igualmente. Numa nova fé.

Quando alguém vislumbra essa nova possibilidade em Cristo — o poder de obedecer continuamente — essa pessoa precisa de uma nova fé para penetrar nessa bênção especial da Sua grande redenção. A única fé que compreende o “Obediente até a morte” da Sua expiação como um motivo para o amor e a obediência, agora aprende a considerar a palavra como as Escrituras a empregam: “Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, ... pois ele ... a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte...” (Fp 2.5-7). Essa fé reconhece que Cristo pôs Sua própria mente e espírito em nós, e nessa certeza recebe capacitação para agir dessa mesma forma. Deus enviou Cristo a este mundo para restaurar a obediência a seu lugar próprio em nosso coração e nossa vida, a fim de restaurar o homem para junto de Si, na obediência a Deus.

Cristo veio e, tornando-se obediente até à morte, revelou o que é a verdadeira obediência. Ele a revelou e a aperfeiçoou em Si mesmo, como uma vida que Ele conquistou através da morte, e agora a passa para nós. O Cristo que nos ama, que nos lidera, ensina e nos fortalece, que vive em nós, é o Cristo que foi obediente até à morte. “Obediente até à morte” é a própria essência da vida que Ele comunica. Não a aceitaremos e não confiaremos nEle para manifestá-la em nós?

Você deseja entrar na abençoada vida de obediência? Veja aqui a porta aberta — Cristo diz “Eu sou a porta”. Veja aqui o novo e vivo caminho — Cristo diz “Eu sou o caminho”. Começamos agora a ver isso: toda a nossa desobediência se devia ao fato de não conhecermos a Cristo adequadamente. Nós agora o vemos; a obediência somente é possível numa vida de incessante comunhão com Ele mesmo. A inspiração da Sua voz, a luz do Seu olhar, o toque de Sua mão fazem isso possível, fazem com que certamente aconteça. Venha, prostremo-nos, e rendamo-nos a esse Cristo. Obedientes até à morte, na certeza de que Ele nos faz participantes com Ele mesmo de tudo o que Ele é e tem.

Capítulo 6

A OBEDIÊNCIA DA FÉ

“Pela fé, Abraão, ... obedeceu” (Hb 11.8).

“Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; e partiu sem saber aonde ia” (Hb 11.8). Ele creu que havia uma terra chamada Canaã, a respeito da qual Deus havia falado. Ele creu nessa terra como “a terra da promessa”, que lhe foi assegurada como herança. Ele creu que Deus o levaria até lá, que lhe mostraria essa terra, e que a daria a ele. Foi nessa fé que ele ousou sair, não sabendo aonde estava indo. Nessa abençoada ignorância da fé ele confiou em Deus, e obedeceu, e recebeu a herança.

A terra da promessa que nos foi apresentada é a abençoada vida de obediência. Nós ouvimos o chamado de Deus para sair e morar ali — a respeito disso não há dúvida nenhuma. Ouvimos a promessa de Cristo de nos levar até lá, e de nos conceder a posse da terra — isso, também, é claro e evidente. Nós nos rendemos a nosso Senhor, e pedimos a nosso Pai que opere tudo isso de forma que seja real em nós. Nosso desejo, agora, é que toda a nossa vida e obra se elevem ao nível de santa e alegre obediência: e que, através de nós, Deus possa tornar a obediência a tônica da vida cristã que almejamos e que outros também sejam despertados para essa vida. Nosso alvo é elevado: somente podemos alcançá-lo se recebermos nova infusão do poder que vem do alto. É somente por meio de uma fé que gere uma nova visão e que contenha os poderes do mundo celestial, assegurados a nós em Cristo, que podemos obedecer e obter a promessa.

À medida que pensamos nisso tudo, e cultivamos em nós mesmos e em outros a convicção de que vivemos somente para agradar o Senhor, vivemos para servir a Seus propósitos, que alguns de nós estarão prontos a dizer: “Essa terra para a qual somos chamados a entrar não é uma terra de promessas, mas uma vida de fardo e dificuldades e de fracasso certo”.

Não diga isso, meu irmão! Deus o chama de fato a uma terra de promessas. Venha e prove o que Ele pode operar em você. Venha e experimente a nobreza de uma vida de obediência como a de Cristo, até à morte. Venha e veja a bênção que Deus pretende dar àquele que, com Cristo, se entrega totalmente à abençoada e santíssima vontade de Deus. Somente creia na glória dessa boa terra da obediência de todo o coração: em Deus, naquele que chama você para essa vida; em Cristo, que fará com que você entre nessa terra; no Espírito Santo, que ali habita e que ali opera todas as coisas. Aquele que crê entra na terra.

Quero, portanto, falar sobre a obediência da fé, e da fé como o poder capacitador para toda a obediência. Vou dar-lhe cinco palavras simples como expressão da

disposição de um coração que crê e que entra na vida dessa boa terra: Eu o *vejo*, eu o *desejo*, eu o *espero*, eu o *aceito*, eu *confio* em Cristo para isso.

I. A FÉ VÊ A TERRA

Temo-nos esforçado para lhe mostrar o mapa da terra, e indicar os lugares mais importantes nessa terra — os pontos onde Deus encontra e abençoa a alma. Aquilo de que precisamos agora é, em fé, quieta e de uma vez por todas definir a seguinte questão:

Existe, de fato, essa terra da promessa, onde com certeza Deus garante essa contínua obediência?

Enquanto houver alguma dúvida sobre isso, não se pode nem considerar a possibilidade de subir e possuir a terra.

Pense na fé de Abraão. Ela descansou em Deus, na Sua onipotência e na Sua fidelidade. Nós já expusemos a você as promessas de Deus. Ouça também a seguinte: “Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardéis os meus juízos e os observeis” (Ez 36.27). Eis aqui o compromisso que Deus fez na sua aliança. Ele acrescenta: “Eu, o Senhor, o disse e o farei” (Ez 36.36). Ele toma sobre Si a responsabilidade de gerar o desejo em você e de capacitá-lo a obedecer. Ele fez a mais maravilhosa provisão para executar o Seu compromisso, e isso em Cristo e através do Espírito Santo.

Apenas faça o que fez Abraão — fixe seu coração em Deus. “... pela fé, (Abraão) se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera” (Rm 4.20,21). A onipotência de Deus era o fundamento de Abraão. Que seja, também, o seu. Contemple todas as promessas que a Palavra de Deus faz sobre um coração limpo, um coração sem mácula estabelecido em santidade, sobre uma vida de justiça e santidade, sobre um andar em todos os mandamentos do Senhor sem defeitos e plenamente agradável a Ele, sobre a obra de Deus em nós a fim de nos dispor o coração para querer e fazer a Sua vontade, sobre Ele operar em nós aquilo que Lhe é agradável, na simples fé: é Deus quem o diz, e Seu poder pode operá-lo. Deixe que a certeza da possibilidade dessa vida de plena obediência tome posse do seu coração. A fé pode ver o invisível e o impossível. Mire a visão enquanto seu coração diz: “Isso deve ser verdade. Isso é verdade. Existe mesmo uma vida que eu não conhecia até agora”.

II. A FÉ DESEJA A TERRA

Quando leio os Evangelhos e vejo como os doentes e cegos e os necessitados estavam prontos a crer na palavra de Cristo, muitas vezes me pergunto o que é que os fez tão mais prontos a crer do que nós estamos dispostos. A resposta que encontro na Palavra é esta: uma grande diferença reside na honestidade e na intensidade do desejo por ajuda. Eles de fato desejavam a libertação de todo o coração. Não havia necessidade de incentivá-los para se tornarem desejosos de buscar a Sua bênção. É lamentável que seja tão diferente conosco!

Todos na verdade desejam, de forma moderada, estar melhor do que estão no momento. Mas quão poucos há que realmente têm “fome e sede de justiça”; quão poucos há que, com intensidade, anelam e choram por uma vida de autêntica obediência, e pela contínua consciência de que estão agradando a Deus.

Não existe fé vigorosa sem desejo vigoroso. O desejo é a grande força motriz do universo.

Foi o desejo de Deus por nossa salvação que O moveu a enviar Seu Filho. É o desejo que motiva aquele que estuda e trabalha e sofre. É somente o desejo por salvação que traz o pecador a Cristo. É o desejo por Deus, e pela possibilidade de uma mais autêntica comunhão com Ele, o desejo de ser exatamente aquilo que Ele quer que sejamos, e de possuir o mais possível da Sua vontade, é isso que fará com que a terra prometida seja atraente para nós. É isso que nos fará abandonar tudo para obter participação completa na obediência de Cristo.

E como se pode despertar esse desejo? É uma vergonha termos de perguntar isso; que a mais desejável de todas as coisas, a semelhança com Deus na união com a Sua vontade e na execução dessa vontade, que isso seja tão pouco atraente para nós!

Tomemos esse fato como uma evidência da nossa cegueira e estupidez, e supliquemos a Deus que, pelo Espírito Santo, ilumine “os olhos do nosso entendimento” para que vejamos e conheçamos “a suprema riqueza da Sua herança” que nos aguarda através da vida de verdadeira obediência. Voltemo-nos e contemplemos atentamente, na luz do Espírito de Deus, e contemplemos novamente essa vida como algo possível, como certa, como divinamente assegurada e divinamente abençoada, enquanto nossa fé começa a crepitar com desejo, e a dizer: “Eu de fato desejo essa vida. Como todo o meu coração eu a buscarei”.

III. A EXPECTATIVA DA FÉ

É grande a diferença entre desejo e expectativa.

Em geral, há um forte desejo por salvação na alma que tem pouca esperança de realmente obtê-la. Ocorre um grande avanço quando o desejo se torna expectativa, e a alma começa a provar a bênção espiritual: “Estou certo de que isso é para mim e, embora eu não veja como vai acontecer, estou na confiante expectativa de obter a bênção”.

A vida de obediência não mais é um ideal inalcançável apresentado por Deus, fazendo-nos desejar chegar um pouco mais perto dele, mas ele se torna uma realidade, palpável para a vida nesta terra, enquanto somos carne e sangue. Tenha essa expectativa como a coisa mais certa prometida para você. Fique na expectativa de que Deus torne isso real para você.

A verdade é que há muitas coisas que atrapalham essa expectativa. Os seus fracassos passados; seu temperamento ou suas circunstâncias desfavoráveis; sua tênue fé; sua dificuldade quanto às exigências de uma vida de obediência até à morte; sua consciência de que não possui poder para viver essa vida — tudo isso faz com que você

diga: “Isso deve ser para os outros; temo que não seja para mim”. Eu imploro: não diga isso! Você não está levando Deus em consideração. Tenha a expectativa de obter essa vida. Erga seus olhos para o Seu poder e para o Seu amor, e comece a afirmar: “Isso é para mim”.

Absorva coragem da vida dos santos de Deus que viveram antes de você. Santa Tereza, em seus escritos, nos conta que desperdiçou mais de dezoito anos, após a sua conversão, nessa miserável tentativa de adequar Deus e sua vida de pecado. Mas por fim ela estava apta a escrever: “Fiz um voto de nunca mais ofender a Deus até mesmo nos menores assuntos. Meu voto foi que eu preferiria morrer mil mortes a fazer qualquer coisa que ofendesse a Deus, sabendo que eu a estava praticando. Isso era obediência até à morte. Eu me comprometi a nunca deixar de fazer o melhor possível, de forma que tudo trouxesse honra a meu Senhor”³.

Gerhard Tersteegen buscou e serviu ao Senhor, desde a sua mocidade. Depois de um tempo, o senso da graça de Deus se afastou dele, e por cinco longos anos ele sentiu-se como marinheiro em alto mar, sem brilho nem de sol nem de estrelas. “Mas a minha esperança estava em Jesus”. De repente, rompeu uma luz tal em seu interior que nunca o deixou, e ele escreveu com seu próprio sangue a carta ao Senhor Jesus, em que diz: “A partir desta tarde, e por toda a eternidade, seja feita a Tua vontade, e não a minha. Ordena, regula e reina em mim. Entrego-me sem reservas, e me comprometo, com Tua ajuda e poder, a entregar a última gota do meu sangue antes de, consciente ou voluntariamente ser infiel ou desobediente a Ti”. Isso era obediência até à morte.

Fixe seu coração nisso e que seja essa a sua expectativa. O mesmo Deus ainda vive. Deposite nEle a sua esperança; Ele há de fazê-lo.

IV. A FÉ O ACEITA

Aceitar é mais do que ter expectativa.

Há muitos que aguardam e esperam mas nunca possuem porque não aceitam. A todos que não aceitaram, e sentem como se não estivessem prontos a aceitar, nossa palavra é: tenha a expectativa.

Se a expectativa é de coração, e se for colocada no próprio Deus, isso vai conduzir a pessoa à aceitação. A todos que dizem estar na expectativa, dizemos com veemência: Aceite. A fé possui o maravilhoso poder concedido por Deus de dizer: “Eu aceito, eu tomo, eu possuo”.

O fato de que tantas orações parecem infrutíferas deve-se à falta dessa fé definida, que pede e se apropria da bênção espiritual que se deseja. Nem todos estão prontos para um tal ato de fé. Se não houver verdadeira convicção do pecado de desobediência e — misericórdia! — se não houver genuína tristeza por isso; onde não há um ardente desejo

³ Mais tarde, ela disse: "Como somos lerdos e demorados em render nosso coração a Ti. E Tu não permites que tenhamos a Ti sem que paguemos caro por tão preciosa possessão. Não há nada no mundo inteiro que possa comprar a livre comunhão do Teu amor em nosso coração, a não ser o próprio amor dos nossos corações. Deus nunca Se nega àqueles que pagam esse preço e perseveram em buscá-IO. Ele irá, pouco a pouco, aqui e ali, fortificar e restaurar essa alma, até que finalmente seja plenamente vitoriosa".

e verdadeira intenção de obedecer a Deus em tudo; onde não há profundo interesse na mensagem das Escrituras Sagradas de que Deus nos quer “aperfeiçoar-nos para fazer a Sua vontade” por meio de “operar em nós aquilo que é agradável a Ele”, não existe a capacidade espiritual para aceitar a bênção. Esse cristão está satisfeito em ser um bebê. Tudo o que ele quer é mamar o leite da consolação. Ele não está apto a receber o alimento sólido que Jesus comeu: “fazer a vontade do Seu Pai”.

Contudo, dirigimo-nos a todos com a urgente súplica: Aceite-o, receba a graça para essa maravilhosa nova vida de obediência; aceite-a agora. Sem isso, a sua consagração se mostrará inoperante. Sem isso, seu propósito de tentar ser mais obediente com certeza há de falhar. Será que Deus não lhe mostrou que existe uma posição completamente nova que você deve assumir — uma posição onde é possível obedecer de forma simples como criança, dia a dia, a todo mandamento que Sua voz ordena através do Espírito: uma posição em que é possível depender, como criança, da sua graça todo-suficiente, dia a dia, para todo mandamento que Ele ordenar?

Eu suplico a você, agora mesmo, tome essa posição, faça essa rendição, tome posse dessa graça. Aceite e entre nessa verdadeira vida de fé, e nessa incessante obediência da fé. A sua fé pode ser tão ilimitada e tão certa quanto são certos e ilimitados a promessa e o poder de Deus. A sua obediência infantil será tão ilimitada quanto a sua fé. Oh! clame a Deus por Seu auxílio, e aceite tudo o que Ele lhe oferece.

V. A FÉ CONFIA EM CRISTO PARA TUDO

“Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele o sim; porquanto também por ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio” (2 Co 1.20).

É possível que, à medida que falamos sobre a vida de obediência, tenham surgido perguntas e dificuldades para as quais você ainda não tenha encontrado resposta.

Você as considera grandes demais para lidar com elas, e não vê como adequá-las com todos os velhos hábitos de pensar, falar e agir.

Você teme não conseguir trazer tudo isso, de uma só vez, e sujeitá-lo a esse princípio supremo que regula todas as coisas: “Faça todas as coisas que são a vontade de Deus; faça tudo em obediência a Ele”.

Para todas essas perguntas há uma só resposta, uma só libertação de todos esses temores: Jesus Cristo, o Salvador ressurrecto. Ele conhece tudo, e pede que você se confie inteiramente a Ele, recebendo dEle sabedoria e poder para andar sempre em obediência por fé. Já vimos mais de uma vez que toda a Sua redenção, da forma que Ele a operou, nada mais é do que obediência.

À medida que Ele a reparte conosco, ela permanece sempre o mesmo. Ele nos concede o espírito de obediência como o espírito de nossa vida. Esse espírito nos é concedido a cada momento através dEle. Ele mesmo alimenta nossa obediência.

Não existe obediência debaixo dos ceus senão a que Ele dá e opera. Ele Se oferece a nós como garantia da manutenção dessa obediência, e pede que confiemos nEle para que seja operada.

É em Jesus Cristo mesmo que todos os nossos temores são removidos, todas as nossas necessidades são supridas, todos os nossos desejos são satisfeitos.

Da mesma forma que Ele, o Justo, é nossa justiça, Ele, o Obediente, é nossa obediência.

Você não quer confiar nEle para que isso se torne realidade? Tudo o que a fé vê e deseja e espera e aceita, com certeza ela tem coragem de confiar que Cristo dá e opera.

Você não quer hoje mesmo aproveitar a oportunidade de dar glória a Deus e a Seu Filho, confiando em Jesus agora para que conduza você para a terra prometida?

Erga seus olhos ao seu Senhor glorificado no céu, e de forma nova para o Seu poder, com novo significado fazer seu voto de fidelidade, seu voto de nunca fazer nada, consciente ou voluntariamente, que possa ofendê-LO. Confie nEle quanto à fé para fazer o voto, quanto à disposição de mantê-lo, quanto à força para cumpri-lo. Confie nEle, no Amado, para que Ele, por Sua presença viva, guarde tanto sua fé como sua obediência.

Confie nEle, e aventure-se nesse ato de consagração, na certeza de que Ele garante ser o Sim e o Amém, para a glória de Deus por nosso intermédio.

Capítulo 7

UM CESTO DE FRAGMENTOS

“Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca” (Jo 6.12).

Neste capítulo final, pretendo tratar de alguns pontos que ainda não mencionei, ou que ainda não tratei com suficiente clareza, na esperança de que possam ajudar alguém que de fato tenha se matriculado na escola da obediência de Cristo.

I. SOBRE APRENDER A OBEDIÊNCIA

Antes de tudo, vai aqui um aviso sobre a compreensão distorcida da expressão “aprender a obediência”.

Nossa tendência é pensar que a obediência absoluta como um princípio — obediência até à morte — é algo que somente se aprende aos poucos, na escola de Cristo.

Esse é um grande erro, e um dos mais nocivos. Aquilo que temos de aprender, e aprender aos poucos, gradualmente, é a prática da obediência, em novos e mais complexos mandamentos.

Mas como princípio, Cristo requer de nós, desde o momento da entrada na Sua escola, que façamos o voto de completa obediência.

Uma criança de cinco anos pode ser tão obediente quanto um jovem de dezoito. A diferença entre os dois reside não no princípio, mas na natureza do que se exige deles...

Embora externamente a obediência de Cristo até à morte tenha resultado na sua morte física, o espírito da Sua obediência foi o mesmo desde o início da Sua vida. A obediência de todo o coração não é o final, mas sim o início de nossa escola de vida.

O final é a qualificação para o serviço de Deus, quando a obediência nos levou à completa conformação com a vontade de Deus.

Um coração rendido a Deus em obediência sem reservas é a condição essencial para progredir na escola de Cristo, e para crescer no conhecimento espiritual da vontade de Deus.

Jovem cristão! entenda de uma vez este assunto. Lembre-se da regra de Deus: tudo em troca de tudo. Dê-Lhe tudo; e Ele lhe dará tudo.

A consagração de nada vale se não significa apresentar-se a si mesmo como um sacrifício vivo para não fazer nada mais senão a vontade de Deus. O voto de inteira obediência garante que nenhum professor assistente inscreverá você na escola da obediência, mas sim o próprio Cristo.

II. SOBRE APRENDER A CONHECER A VONTADE DE DEUS

Essa rendição sem reservas para obedecer, da mesma forma que é a primeira condição para entrar na escola de Cristo, também é a única coisa que nos qualifica a receber instrução sobre a vontade de Deus para nós.

Há uma vontade de Deus comum a todos os Seus filhos, a qual podemos, em certa medida, aprender da Bíblia.

Mas há aplicações especiais e individuais desses mandamentos — a vontade de Deus referente a nós pessoalmente, que somente o Espírito Santo pode ensinar.

E Ele não vai ensiná-la a não ser àqueles que fazem o voto de obediência. Essa é a razão por que ficam sem resposta tantas orações pedindo a Deus que torne conhecida a Sua vontade.

Jesus disse “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo” (Jo 7.17). Se a vontade de alguém está realmente voltada para fazer a vontade de Deus, isso é, se o seu coração se rendeu para fazê-la, e ele conseqüentemente faz essa vontade em toda a extensão em que a conhece, ele há de conhecer tudo o que Deus tem para lhe ensinar.

É exatamente isso o que acontece com qualquer estudante com a arte que está aprendendo, ou qualquer aprendiz de uma profissão, ou qualquer homem nos negócios. Fazer é a condição do verdadeiro aprendizado. E assim também com a obediência, com fazer a vontade de Deus na completa extensão em que a conhecemos, e a disposição e o voto de fazer tudo o que Ele revelar.

Esse é o órgão espiritual, a capacidade de receber o verdadeiro conhecimento daquilo que é a vontade de Deus para cada um de nós. Em associação a isso, deixe-me apresentar-lhe três coisas importantes:

1ª) Procure desenvolver uma profunda consciência do seu real desconhecimento da vontade de Deus, e da sua incapacidade de conhecê-la corretamente através de seus próprios esforços.

A consciência da própria ignorância é o fundamento da verdadeira capacidade de aprender. “ensina aos mansos o seu caminho” (Sl 25.9) — aqueles que humildemente confessam a necessidade que têm de ser ensinados. Conhecimento intelectual gera apenas pensamentos humanos destituídos de poder. Deus, pelo Seu Espírito, dá um conhecimento vivo que penetra o amor do coração, e opera eficazmente.

2ª) Cultive uma vigorosa fé que Deus fará com que você conheça a sabedoria no íntimo, no coração.

Até o presente momento, você talvez tenha provado tão pouco disso tudo em sua vida cristã, que até o pensamento dessa possibilidade lhe parece estranho. Aprenda que a obra de Deus, o lugar onde Ele concede vida e luz é no coração, mais profundo do que todos os nossos pensamentos.

Qualquer dúvida sobre Deus fará com que seja impossível uma obediência cheia de alegria. Creia com ousadia que o Pai está desejoso de tornar conhecido aquilo que Ele quer que você faça. Conte com Ele para isso. Espere-o com certeza.

3ª) Por causa das trevas e do engano da carne e da mente carnal, rogue a Deus com insistência pela sondagem e pela convicção da luz do Espírito Santo.

Talvez haja muitas coisas que você costuma fazer, coisas permitidas pela lei, coisas não proibidas, mas que seu Pai deseja que sejam feitas de forma diferente. Se você considerar como líquido e certo que elas são a vontade de Deus porque os outros e você mesmo pensa assim, pode na verdade impedir que você conheça a vontade de Deus em outros assuntos.

Traga tudo, sem reservas, ao julgamento da Palavra, esclarecido e orientado pelo Espírito Santo. Espere em Deus para que Ele o conduza à certeza de que tudo o que você é e faz é agradável na Sua presença.

III. SOBRE A OBEDIÊNCIA ATÉ A MORTE

Há, ainda, um dos mais profundos e mais espirituais aspectos dessa verdade, ao qual até agora não me referi.

É algo que não surge como uma regra nos primeiros estágios da vida cristã, e contudo é necessário que todo crente saiba quais são os privilégios que o aguardam.

Há uma experiência para a qual a obediência de todo o coração há de conduzir o crente, na qual ele há de saber que, tão certo como aconteceu com o seu Senhor, a obediência há de levá-lo à morte. Vejamos o que isso significa.

Durante a vida de nosso Senhor, a Sua resistência contra o pecado e o mundo foi perfeita e completa. E mesmo assim a Sua libertação final das tentações e a Sua vitória sobre o poder delas, a Sua obediência não se completou até que Ele tivesse morrido para a vida terrena e para o pecado.

Nessa morte, Ele desistiu da Sua vida em perfeita dependência, entregando-Se nas mãos do Pai, aguardando que Ele O ressuscitasse. Foi através da morte que Ele recebeu a plenitude da Sua vida e glória. Foi somente através da morte, da entrega da vida que Ele tinha, que a obediência o conduziu à glória de Deus.

O crente é identificado com Cristo nessa morte para o pecado. Na regeneração, ele é batizado nessa morte pelo Espírito Santo. Devido à ignorância e descrença, ele talvez saiba pouco experimentalmente dessa completa morte para o pecado.

Quando o Espírito Santo lhe revela aquilo que ele possui em Cristo, e ele se apropria disso pela fé, o Espírito opera nele exatamente a igual disposição que moveu Cristo na Sua morte.

Para Cristo, isso significou a completa cessação da Sua vida própria, uma absoluta rendição de Seu espírito nas mãos do Pai. Esse foi o perfeito cumprimento do mandamento do Pai: deposite a Sua vida em Minhas mãos. Foi através desse perfeito auto-abandono do túmulo que Ele entrou na glória do Pai.

É para essa comunhão que o crente é trazido. Ele descobre que nessa mais absoluta obediência sem reservas para a qual o Espírito de Deus o prepara, há contudo um elemento secreto de egoísmo e vontade-própria.

Ele deseja ser liberto disso. Ele aprende da Palavra de Deus que isso só é possível através da morte. O Espírito o ajuda a declarar com mais intensidade que ele de fato está morto para o pecado em Cristo, e que o poder dessa morte pode operar poderosamente nele. Deus opera nele a disposição de obedecer até à morte, essa completa morte ao eu, que faz com que ele não seja nada de fato.

É aí que ele encontra a plena entrada na vida de Cristo. A fim de que veja a necessidade dessa inteira morte para o eu, para sua vontade estar disposta para isso, para ser introduzido nesse completo auto-esvaziamento e humildade de nosso Senhor Jesus, — isso é a mais alta lição que nossa obediência há de aprender — isso é, de fato, à semelhança de Cristo, a obediência até à morte.

Não temos tempo para nos estender sobre o assunto. Acho que basta dizer isso sobre essa lição, que Deus mesmo, em tempo apropriado, há de ensinar àqueles que são inteiramente fieis.

IV. SOBRE A VOZ DA CONSCIÊNCIA

Se quisermos conhecer a vontade de Deus, temos de ver o lugar apropriado da consciência, e dar-lhe esse lugar, submetendo-nos à sua autoridade.

Há centenas de coisas nas quais a lei da natureza ou a educação nos ensinam o que é certo e bom, e a respeito das quais nem mesmo cristãos sinceros se sentem obrigados a obedecer.

Agora, lembre-se de que, se você é infiel no pouco, quem vai confiar em você para o muito? Deus, com certeza, não.

Se a voz da consciência lhe diz que determinado curso de ação é mais nobre e melhor, e você escolhe outro porque é mais fácil ou mais agradável ao ego, você mesmo se desqualifica para o ensino do Espírito, por desobedecer à voz natural de Deus.

Uma vontade fortemente determinada a fazer o que é certo, a fazer sempre o melhor, conforme a consciência o aponta, é uma vontade disposta a fazer a vontade de Deus.

Paulo diz “não minto, testemunhando comigo, no Espírito Santo, a minha própria consciência” (Rm 9.1). O Espírito Santo fala através da consciência: se você desobedece ou violenta a consciência, você mesmo torna impossível que Deus lhe fale.

A obediência à vontade de Deus se mostra na terna valorização da voz da consciência. Isso se mostra útil com respeito ao comer e beber, ao dormir e repousar, ao gastar dinheiro e buscar prazer, — que tudo seja trazido à sujeição da vontade de Deus.

Isso tudo nos conduz a outro assunto de grande importância.

Se você pretende viver a vida de plena obediência, zele pela manutenção de uma boa consciência diante de Deus, e nunca, de forma consciente, tolere nada contrário à Sua mente.

George Muller atribuía toda a sua felicidade durante setenta anos a isso, juntamente com seu amor à Palavra de Deus. Ele manteve uma boa consciência em todas as coisas, nunca seguindo qualquer caminho que ele soubesse ser contrário à vontade de Deus.

A consciência é o guardião, o monitor que Deus lhe deu, para alertá-lo quando qualquer coisa estiver errada.

Tão importante quanto é a luz que você já possui, valorize a sua consciência. Suplique a Deus que, pelo ensino de Sua vontade, dê a ela mais luz.

Busque o testemunho da consciência de que você está agindo de acordo com essa luz. A consciência se tornará aquela que vai encorajá-lo e ajudá-lo, e lhe dará a certeza tanto de que a sua obediência está sendo aceita, como de que está sendo ouvida a sua oração por constante crescimento no conhecimento da vontade de Deus.

V. SOBRE OBEDIÊNCIA LEGALISTA E OBEDIÊNCIA EVANGÉLICA

Mesmo quando se faz o voto de obediência sem reservas, é possível ainda haver dois tipos de obediência — a que procede de lei, e a que é do Evangelho.

Exatamente como há dois Testamentos, um Antigo e um Novo, assim também há duas espécies de religião, duas formas de servir a Deus.

É sobre isso que Paulo fala em Romanos, quando diz “Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça” (Rm 6.14), e mais tarde fala sobre sermos “libertados da lei”, “de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra” (7.6); e depois novamente nos lembra: “Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai” (8.15).

O tríptico contraste deixa evidente o perigo que existe de que esses cristãos continuarem a agir como se estivessem debaixo da lei, servindo na confiança na letra e no espírito de servidão.

Uma das grandes causas da fragilidade da vida de tantos cristãos deve-se ao fato de que vivem mais debaixo da lei do que debaixo da graça. Vamos ver em que consiste a diferença.

Aquilo que a lei exige de nós, a graça promete e executa por nós.

A lei se ocupa daquilo que nós temos de fazer, não importando se conseguimos ou não, e, apelando ao medo e ao amor nos incita a fazer o melhor que podemos. Mas ela não fornece capacidade para fazer o que demanda, e dessa forma simplesmente conduz ao fracasso e à condenação. A graça aponta para aquilo que não podemos fazer, e se oferece para fazer aquilo por nós e em nós.

A lei se apresenta com mandamentos em pedra ou num livro. A graça se apresenta numa Pessoa viva, graciosa, que doa a Sua presença e Seu poder.

A lei promete vida, se obedecermos. A graça concede vida, concede até mesmo o Espírito Santo com a certeza de que nós podemos obedecer.

A natureza humana está sempre inclinada a abandonar a graça e saltar para a lei, e secretamente confiar em mais uma tentativa de fazer o seu melhor.

As promessas da graça são tão divinas, o dom do Espírito Santo para executar tudo em nós é tão maravilhoso, que são poucos os que crêem nisso. Essa é a razão porque nunca se atrevem a fazer o voto de obediência ou, se o tiverem feito, voltam atrás.

Eu rogo a você: examine bem o que é a obediência do Evangelho. O Evangelho significa boas novas. E a obediência faz parte dessas boas novas — essa graça, pelo Espírito Santo, fará tudo em você. Creia nisso, e deixe que todo o empreendimento para obedecer ocorra na alegre esperança que vem da fé na superabundante graça, na maravilhosa habitação interior do Espírito Santo, no bendito amor de Jesus, cuja habitação em você faz com que a obediência seja possível e certa.

VI. SOBRE A OBEDIÊNCIA DO AMOR

Esse é um dos aspectos mais belos e especiais da obediência do Evangelho.

A graça que promete operar tudo através do Espírito Santo é o dom do eterno amor. O Senhor Jesus (que toma conta da nossa obediência, que a ensina, e que pela Sua presença no-la assegura) foi Quem nos amou até à morte, que nos ama com uma amor que transcende todo entendimento.

Nada nem ninguém pode receber ou conhecer o amor senão um coração que ama. E é esse coração que ama que nos capacita a obedecer. A obediência é a amorosa resposta ao amor divino que reside em nós, e é o único acesso ao pleno gozo desse amor.

Como o Senhor insistiu nisso no Seu discurso de despedida! Três vezes ele repetiu isso em João 14 — “Se me amais, guardareis os meus mandamentos”; “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama”; “Se alguém me ama, guardará a minha palavra”.

Não fica evidente que somente o amor pode gerar a obediência que Jesus requer, e receber a bênção que Jesus dá à obediência?

O dom do Espírito, o amor do Pai e o Seu próprio, com a manifestação de Si mesmo; o amor do Pai e o Seu próprio fazendo habitação em nós: a tudo isso temos acesso garantido através da amorosa obediência.

No capítulo seguinte, ele apresenta o outro lado, e mostra como a obediência conduz ao gozo do amor de Deus — Ele guardou os mandamentos de Seu Pai, e permanece no Seu amor.

Se guardamos os Seus mandamentos, também permaneceremos no Seu amor. Ele comprovou o Seu amor ao dar Sua vida por nós; nós somos os Seus amigos, nós podemos gozar o Seu amor, se fizermos aquilo que Ele nos manda.

Entre o Seu amor demonstrado primeiro e nosso amor em resposta a ele, entre nosso amor e o Seu amor completo em resposta, a obediência é o único elo indispensável.

A obediência plena e verdadeira só é possível quando vivemos e amamos; antes disso, é impossível. “Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos” (1 Jo 5.3).

Tome cuidado com aquela obediência legalista, que se esforça por uma vida de genuína obediência debaixo do senso de dever.

Peça a Deus que lhe revele a “novidade de vida” que é necessária para uma nova e completa obediência. Clame pela promessa “O Senhor, teu Deus, circuncidará o teu coração ... para amares o Senhor, teu Deus, de todo o coração e de toda a tua alma” (Dt 30.6). Creia no amor de Deus e na graça de nosso Senhor Jesus. Creia no Espírito que lhe foi dado para habitar em você, capacitando-o a amar, e desta forma fazendo com que você ande nos estatutos de Deus.

Na força dessa fé, na certeza da suficiência da graça, aperfeiçoada na fraqueza, entre no amor de Deus, e na vida de viva obediência através de obras. Porque não é nada mais do que a contínua presença de Jesus em Seu amor que pode capacitar você para uma constante obediência.

VII. SERÁ POSSÍVEL A OBEDIÊNCIA?

Termino este capítulo mais uma vez batendo nessa tecla, da maior importância.

O assunto é o próprio fundamento de nossa vida. O pensamento de que viver de forma plenamente agradável a Deus está além do nosso alcance, mesmo que não seja consciente, vai minar nossas forças, e desgastará o próprio fundamento da vida vitoriosa.

Eu rogo a você: dê uma resposta definitiva a essa questão. Se, à luz da provisão de Deus para obedecer, da Sua promessa de operar toda a Sua boa vontade em você, de dar-lhe um novo coração, com a habitação do Seu Filho e do Seu Espírito, se ainda assim você teme que a obediência não é possível, peça a Deus que lhe abra os olhos para de fato conhecer a vontade dEle.

Se o seu raciocínio estiver convencido e você concorda com a verdade, mesmo apenas no seu intelecto, e ainda teme entregar-se para esse tipo de vida, eu lhe afirmo: Suplique a Deus que lhe abra os olhos e o leve a conhecer a Sua vontade para você, pessoalmente.

Cuidado: talvez o que esteja impedindo você de entrar nessa vida seja o medo secreto de ter de abrir mão de coisas demais, de chegar ao ponto de uma situação peculiar e demasiadamente devotada a Deus.

Acautele-se de satisfazer-se com religião suficiente para aquietar sua consciência, e então nada mais desejando nem fazendo, ficando aquém daquilo de que Deus é digno.

E acautele-se, sobretudo, de “limitar” Deus, fazendo-o mentiroso, ao recusar crer aquilo que Ele disse que pode e quer fazer.

Se o nosso estudo na escola da obediência tiver de ter algum benefício, não descanse enquanto você não estiver seguro disto: Obediência diária a tudo o que Deus requer de mim é algo possível, é possível para mim. Na Sua força, eu me submeto a Ele para que Ele opere isso em mim.

Mas, lembre-se, há uma condição. Não é na força das suas resoluções ou esforços, mas na incessante presença de Cristo, e no incessante ensino e no poder do Espírito de toda a graça que está a sua porção. Cristo, o Obediente, que vive em você, vai assegurar a sua obediência.

A obediência há de ser para você uma vida de amor e alegria na comunhão com Ele.

Capítulo 8

OBEDIÊNCIA AO ÚLTIMO MANDAMENTO

“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28.19)

Eles aceitaram o mandamento, e o passaram àqueles que através deles creram no Seu nome. E dentro de uma geração, homens simples, cujos nomes nós nem mesmo conhecemos, haviam pregado o Evangelho em Antioquia e Roma e nas mais distantes regiões.

O mandamento foi passado de uns para os outros, e assumido no coração e na vida, como algo que diz respeito a todas as gerações, ALGO QUE DIZ RESPEITO A CADA DISCÍPULO.

O mandamento também nos diz respeito, a cada um de nós.

Não há, na igreja de Cristo, nenhum clã privilegiado que detém sozinho a honra, nem há nenhum clã de servos sobre quem somente repousa a responsabilidade de conduzir o Evangelho a toda criatura.

A vida que Cristo dá é a Sua própria vida, o espírito que Ele sopra é o Seu próprio Espírito, a única disposição que Ele opera é o Seu próprio amor sacrificial.

Está implícito na própria natureza da Sua salvação que cada membro do Seu corpo, em pleno e saudável acesso a Ele se sinta constrangido a repartir aquilo que recebe de Cristo.

O mandamento não é uma lei arbitrária vinda do exterior. Esse mandamento é a mera revelação, para nosso voluntário e inteligente assentimento, da maravilhosa verdade que somos o Seu corpo, que agora ocupamos o Seu lugar aqui na terra, e que a Sua vontade e amor agora completam através de nós a obra que Ele iniciou, e que agora em Seu lugar nós vivemos para buscar a glória do Pai, através de GANHAR UM MUNDO PERDIDO DE VOLTA PARA ELE.

Quão terrivelmente a Igreja tem falhado em obedecer a esse mandamento! Quantos cristãos há que nem ao menos sabem que existe um mandamento desses! Quantos há que ouvem sobre esse mandamento, mas não se dispõem honestamente a obedecer! E quantos há que procuram obedecer, mas de tal forma mais conveniente e agradável a eles mesmos.

Estamos estudando o que significa obedecer. Temos dito que nos entregamos para uma obediência de todo o coração. Com certeza, estamos preparados para ouvir de bom coração a qualquer coisa que nos possa ajudar a entender e executar esse último e grande mandamento de nosso Senhor: o Evangelho a toda criatura.

Permita-me apresentar o que tenho a dizer em três expressões simples: Aceite o Seu mandamento. Coloque-se totalmente à Sua disposição. Comece já a viver para o Seu reino.

I. ACEITE O SEU MANDAMENTO

Há várias coisas que enfraquecem a força deste mandamento.

Existe a ideia de que um mandamento dado a todos em geral não é tão imperioso como um mandamento dado a alguém pessoal e especificamente; que, se os outros não fazem a sua parte, nossa parte na reprovação será comparativamente pequena; que onde

as dificuldades são muito grandes, a obediência não pode ser uma exigência absoluta; que, se estivermos dispostos a fazer nosso melhor, isso é tudo que se pode esperar de nós. Irmãos! isso não é obediência.

Não foi dessa forma que os primeiros discípulos receberam esse mandamento. Não é nessa atitude que desejamos viver com nosso amado Senhor.

Queremos dizer, cada um de nós — Se ninguém mais quiser, eu vou, pela Sua graça, me entregar a mim e a minha vida para viver para o Seu reino.

Deixe-me separar, por um momento, a mim mesmo de todos os demais, e pensar no meu relacionamento pessoal com Jesus. Eu sou membro do corpo de Cristo.

O que Ele espera é que cada membro esteja à Sua disposição, para ser movido pelo Seu Espírito, a fim de viver para aquilo que Ele é e faz.

É assim que acontece com o meu próprio corpo.

Eu espero de cada membro sadio que me acompanhe dia a dia, na certeza de que posso contar com ele para que faça a sua parte.

Nosso Senhor me incluiu em Seu corpo a fim de que possa pedir e esperar nada mais nada menos do que isso. E eu me rendi a Ele de tal forma que nem mesmo se aceita a ideia de querer outra coisa a não ser unicamente conhecer e fazer a Sua vontade.

Ou tomemos a ilustração da “Videira e dos ramos”. O ramo tem um e somente um alvo ao fazer parte da videira: produzir fruto.

Se de fato sou um ramo, serei exatamente como Ele foi neste mundo — única e totalmente para produzir fruto, para viver e trabalhar para a salvação dos homens.

Considere ainda outra ilustração.

Cristo me comprou com o Seu sangue. Nenhum escravo conquistado a força ou adquirido por dinheiro jamais pertenceu tão inteiramente a seu mestre, como a minha alma, redimida e ganha pelo sangue de Cristo, entregue e amarrada a Ele pelo amor. Ela é Sua propriedade, exclusivamente Sua para fazer com ela aquilo que Lhe agrada. Ele o requer com direito divino, operando através do Espírito Santo em infinito poder, e eu dei meu pleno consentimento, que viveria totalmente para o Seu reino e serviço. Esta é minha alegria e minha glória.

Houve um tempo em que tudo era diferente.

Há duas formas em que um homem pode conceder seu dinheiro ou seu serviço a outrem.

Em tempos antigos, houve um escravo, que juntou muito dinheiro fazendo negócios. Todo o dinheiro foi parar nas mãos do seu senhor. O senhor era bondoso e tratava bem o escravo. Com o passar do tempo, o escravo, através dos ganhos que seu senhor permitia que obtivesse, juntou dinheiro suficiente para comprar sua própria liberdade. O tempo passou, e o senhor caiu na pobreza; teve de dirigir-se a seu antigo escravo para pedir ajuda. O ex-escravo não apenas podia ajudar, mas mostrou-se solícito para fazê-lo, e o fez liberalmente, em gratidão pelos tratos bondosos anteriormente recebidos.

Você percebe de imediato a diferença entre trazer dinheiro ao senhor quando ele era um escravo, e as dádivas que fez quando já era um homem livre.

Na primeira situação, ele deu tudo porque tanto o dinheiro como ele mesmo pertenciam ao seu senhor. Na última situação, ele deu apenas o que queria dar.

De que forma haveremos de dar a Cristo Jesus? Temo que muitos, muitos dêem como se fossem livres para dar o que quiserem aquilo que pensam que podem arrebatar.

O cristão a quem o Espírito Santo já revelou o valor do sangue com que foi adquirido e o direito que isso dá ao Senhor sobre a sua vida, há de regozijar-se por saber que ele é o escravo do amor redentor, e vai depositar aos pés do Mestre tudo o que tem, porque pertence a Ele.

Você já parou para pensar como os discípulos aceitaram o grande mandamento tão facilmente e com tanto fervor? Eles haviam estado há pouco no Calvário, onde viram o sangue. Ele havia encontrado O Ressuscitado, e Ele havia soprado sobre eles o Espírito Santo, que passou a habitar neles. Durante os quarenta dias, Ele havia “dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera” (At 1.2).

Jesus era para eles Salvador, Mestre, Amigo e Senhor. Sua palavra era com poder divino; eles nada podiam fazer a não ser obedecer.

Oh, prostremo-nos diante de Seus pés, e supliquemos ao Espírito Santo que revele e confirme Sua majestosa ordem, e sem hesitação e de todo o nosso coração aceitemos o mandamento como nosso único propósito de vida: o Evangelho a toda criatura.

II. COLOQUE-SE À SUA DISPOSIÇÃO PARA OBEDECER

A Grande Comissão tem sido associada com missões estrangeiras de tal forma, que muitas pessoas tendem a confinar esse último mandamento exclusivamente a isso.

Isso é um grande erro.

As palavras de nosso Senhor — “Fazei discípulos de todas as nações, ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” — nos indicam o que deve ser nosso alvo: nada mais do que fazer de cada homem um verdadeiro discípulo, que viva em santa obediência à vontade de Cristo.

Quão grande trabalho temos por fazer em nossas igrejas cristãs e nas comunidades que se denominam cristãs, antes que se possa dizer que já cumprimos esse mandamento!

Fazer com que o Evangelho chegue por completo, com perseverança, salvificamente a toda criatura: essa é a missão, essa tem de ser a paixão de cada alma redimida.

Porque é isso que significa ter o Espírito e a semelhança e a vida de Cristo formada em você. Se há uma coisa que a Igreja tem de pregar, no poder do Espírito

Santo, é a absoluta e imediata obrigação de cada filho de Deus, não apenas de tomar alguma parte nesse trabalho, conforme ele pensa que é capaz ou que é possível, mas que ele se dedique a Cristo, o Mestre, para ser guiado e usado conforme Ele quiser.

Por isso, digo a cada leitor que se comprometeu com a plena obediência — e será que ousamos considerar-nos como verdadeiros cristãos se ainda não o fizemos? — ponha-se de uma vez e completamente à disposição de Cristo.

Esse último mandamento — “O evangelho a toda criatura” — está como que amarrado com o primeiro e grande mandamento — “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração”.

Assim como o primeiro diz respeito a todo o povo de Deus, assim também o último. Antes que você saiba qual será o seu trabalho, antes que você sinta qualquer desejo especial ou chamado ou capacitação para qualquer trabalho, — se você está disposto a aceitar o mandamento, ponha-se à Sua disposição. É Ele, como Mestre, que há de treinar e capacitar e guiar e usar você.

Não tema; saia de uma vez para sempre dessa religião egoísta que põe sua própria vontade e conforto em primeiro lugar, e dá somente os restos a Cristo. Diga ao Mestre que pode contar com você por completo. Aliste-se de uma vez com Ele como um **VOLUNTÁRIO PARA SEU SERVIÇO**.

Nesses últimos anos, Deus tem enchido nosso coração com alegria e ações de graça pelo que Ele tem feito através do Movimento Voluntário de Estudantes.

A bênção que isso está trazendo à Igreja Cristã é tão grande como a que está alcançando o mundo pagão. Às vezes sinto como se faltasse apenas uma coisa para esse trabalho ser perfeito.

Não é verdade que há uma carência de engajar voluntários para o trabalho aqui na pátria, ajudando-os a perceber que a consagração a que são chamados é tão intensa e integral como aquela a que são chamados os voluntários para o trabalho no estrangeiro?

Essa devoção integral é requerida por Cristo de todo aquele que ele comprou com seu sangue, para o serviço na salvação do mundo. Que bênção está contida nestas simples palavras, se for repetida por milhares de pessoas: “É meu propósito, se Deus o permitir, tornar-me um missionário no estrangeiro”!

Isso ajudará essas pessoas na consagração para obedecer à grande comissão, e marcará época na história da sua vida. Quão grandes bênçãos podem advir aos que nunca vão sair do seu país (ou pelo menos que pensam que nunca hão de sair, porque nunca perguntaram qual é a vontade do Mestre), se puderem tomar esta simples decisão: Pela graça de Deus, devotarei toda a minha vida ao serviço do reino de Cristo!

Abrir mão de seu lar e sair do seu país é, muitas vezes, de grande ajuda ao voluntário para o trabalho no estrangeiro, por causa da luta que isso lhe custa, e o rompimento com tudo o que poderia atrapalhá-lo.

O voluntário para o serviço em seu próprio país talvez tenha de permanecer em seu chamado e não ter a necessidade desse tipo de separação externa — contudo, ele precisa muito mais de ajuda para manter as exigências do voto que fez em secreto ou

juntamente com outros. O bendito Espírito pode fazer com que essa crise e consagração se tornem numa vida inteiramente consagrada a Deus.

Estudantes da escola da obediência, examinem essa grande comissão com muito cuidado. Aceitem-na de todo o coração. Coloquem-se totalmente à disposição do Senhor.

III. E COMECEM DE IMEDIATO A AGIR EM OBEDIÊNCIA

Quaisquer que sejam suas circunstâncias, é seu privilégio ter à mão almas que podem ser ganhas para Deus.

À sua volta existem inúmeras atividades cristãs que precisam de sua ajuda e que também podem ajudar você.

Contemple a si mesmo como alguém remido por Cristo para o Seu serviço, como abençoado com o Seu Espírito para lhe conceder a mesma disposição que havia nEle, de forma que você encare — com humildade mas com coragem — o chamado de sua vida, ou seja, tomar parte nesse grande trabalho de resgatar o mundo para Deus.

Quer você seja dirigido por Deus a juntar-se a alguma das muitas agências que já existem, quer seja guiado a andar nalgum caminho mais solitário, lembre-se de não considerar o trabalho como sendo de sua igreja, ou do seu grupo, ou como seu mesmo, mas considere-o como do Senhor.

Cultive com dedicação a consciência de “fazê-lo como ao Senhor”, como servo que obedece ordens, que as executa com simplicidade. Dessa forma, o seu trabalho não haverá de se interpor, como tantas vezes acontece, entre você e sua comunhão com Cristo, mas haverá de ligá-lo inseparavelmente a Ele, à Sua força, e à Sua aprovação.

É tão fácil ficar de tal maneira fascinado com os interesses humanos que há no trabalho, que o seu caráter espiritual, o poder sobrenatural necessário para executá-lo, a direta intervenção de Deus em e através de nós — tudo, enfim que nos pode encher de verdadeiro gozo e esperança celestial — acaba se perdendo, se ocultando.

Mantenha seu olhar no Mestre, em seu Rei, em Seu trono. Antes de proferir Sua grande comissão, e apontar a Seus servos o grande campo do mundo, Ele atraiu os olhos deles para Si mesmo no trono: “Toda a autoridade me foi dada no ceu e na terra”.

É a visão, a fé de que Cristo está no trono que nos lembra a necessidade, que nos assegura da suficiência do Seu divino poder. Obedeça, não a um mandamento, mas ao Altíssimo Senhor da Glória; a fé nEle lhe dará poder celestial.

Essas palavras precederam o mandamento, e depois disto veio o seguinte: “E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século”. Nós precisamos não só da visão de Cristo entronizado — gloriosa visão! — mas Cristo conosco aqui embaixo, na Sua presença permanente, Ele mesmo operando em nós e através de nós. O poder de Cristo no ceu, a presença de Cristo na terra — entre essas duas promessas fundamentais se encontra a porta que a Igreja atravessa para conquistar o mundo.

Que cada um de nós siga o Líder, e receba dEle as ordens e instruções para o trabalho, sem nunca hesitar em nosso voto de obediência para viver inteiramente para a Sua vontade e para o Seu trabalho somente.

Começar desta forma será um tempo de treinamento, preparando-nos para conhecer e seguir perfeitamente a Sua liderança. Se chegar a nós o chamado para os milhões de pagãos que perecem, devemos estar prontos para ir. Contudo, se a Sua providência não nos deixar ir, nossa devoção aqui na pátria será tão completa e intensa como se tivéssemos ido. Quer seja aqui na pátria ou no estrangeiro, se se completar o exército dos obedientes, os servos da obediência, os obedientes desta terra, já estará cumprido o desejo de Cristo, e o Seu glorioso pensamento: o evangelho a toda criatura!

Bendito Filho de Deus! Eis-me aqui. Por Tua graça, entrego minha vida para levar a cabo o Teu último grande mandamento. Faze o meu coração como o Teu coração. Faze da minha fraqueza a Tua força. Em Teu nome, faço o voto de inteira e eterna obediência. Amém.